

Especial MediaTalks By J&Cia



COP28 UAE

Dezembro | 2023



Análises sobre a cúpula
do clima da ONU

Jornalismo, ativismo e
mobilização no mundo
sob ansiedade climática

Impactos das mudanças
climáticas sobre pessoas
e empresas

@Engajamundo e divulgação COP28

PARCEIRO DE CONTEÚDO



A emergência climática em pauta



LUCIANA GURGEL
Editora-chefe
MediaTalks, Londres

Esta é a terceira edição especial do MediaTalks analisando as repercussões de uma Conferência das Partes sobre as Mudanças Climáticas da ONU. Na primeira, o mundo tinha acabado de sair da pandemia, e os líderes das maiores potências compareceram em peso a Glasgow. As ruas foram tomadas por manifestantes, capitaneados por Greta Thunberg.

Greta hoje é questionada em seu próprio país, a Suécia. As últimas duas COPs aconteceram em países com histórico de repressão ao ativismo e à liberdade de imprensa. Os principais líderes de nações poluentes não foram a Dubai.

O ativismo deixou as ruas para ganhar as redes sociais e tentar influenciar no acordo principal, que mais uma vez não agradou à ciência e aos países mais afetados pelas mudanças climáticas.

Nesta edição, reunimos visões sobre a participação do Brasil na COP28 - que teve efeitos sobre a imagem do país na arena internacional, mas não de forma positiva como muitos esperavam - e em cinco outros países com realidades diferentes, mas que convivem com os mesmos dilemas, inclusive na esfera da mídia.

O tom da cobertura das mudanças climáticas - muito alarmista? - é um dos debates globais. O ativismo ambiental enfrenta questionamentos semelhantes. Atacar monumentos engaja o público na causa do clima?

Como as pessoas comuns reagem ao noticiário, em uma era em que a sustentabilidade pode pautar a decisão de um talentoso profissional sobre onde ele vai trabalhar? A cultura pode mobilizar? E o jornalismo de soluções? O ESG está morrendo?

A COP28 pode não ter, mais uma vez, correspondido plenamente às expectativas dos que esperavam - ou rezavam, como no caso do rei Charles - por transformações.

Mas teve o poder de colocar a emergência climática na pauta. E de chamar a atenção para o papel decisivo de jornalistas, organizações de mídia, influenciadores das redes sociais, organizações não-governamentais e lideranças empresariais diante das evidências de que as transformações são vitais para o meio ambiente, para a justiça social e para os negócios.

Este é o tema das nossas conversas aqui. Boa leitura.



EDUARDO RIBEIRO
Publisher
Jornalistas&Cia,
São Paulo

nesta edição

5 REINO UNIDO
Rei abriu COP28 "rezando" por mudanças, difíceis em seu próprio reino
por Luciana Gurgel

7



ARGENTINA
Presidente novo e o mesmo divórcio com a realidade climática
por Marcia Carmo



SUÉCIA
Marcha à ré na política ambiental faz país deixar de ser modelo
por Claudia Wallin



11 ITÁLIA
O chamamento do Papa Francesco à conversão ecológica
por Fernanda Massarotto



14 EUA
Movimento anti-ESG cresce enquanto Biden esnoba COP28
por Eloá Orazem



16 CHRISTIANA FIGUERES
Ex-Chefe do Clima da ONU
"Precisamos de equilíbrio entre indignação e otimismo"

19 PESQUISA
Sul-americanos entre os mais preocupados com os danos futuros das mudanças climáticas

21



MARINA AMARAL
Co-Fundadora da Agência Pública
"Mídia digital colocou os problemas ambientais do Brasil na pauta"

22

ESTUDO
As principais barreiras à cobertura ambiental na América Latina



23 ERIKA BJERSTRÖM
Jornalista ambiental, Suécia
"Não é meu trabalho manter a audiência de bom humor de maneira falsa"

25

MOBILIZAÇÃO
Arte ganha força como arma na luta climática

27

JORNALISMO DE SOLUÇÕES
Mostrando 'a metade cheia do copo'

E MAIS: artigos de Cristiano Cobo (Anglo American), Fábio Magrin (Cummins) e Fabio Rua (GM).

MediaTalks tem o apoio da General Motors



O Brasil na COP e a COP no Brasil: as lições de Dubai

por LUCIANA GURGEL

“Arrancaram o phase-out”, avisou uma repórter no grupo de WhatsApp dos jornalistas brasileiros credenciados para a cobertura da COP28. A partir daquele momento, a primeira versão do acordo final despertou indignação por ter deixado de fora o compromisso de eliminar gradativamente o uso de combustíveis fósseis.

Mas nada como um dia após o outro. O documento aprovado, sob protestos de alguns países mas aceito pela maioria, foi visto como um avanço em relação às COPs anteriores. Com a ressalva de não ser “o salto que o mundo precisa”, como enfatizou Andrew Deutz, Diretor Geral de Política Global e Financiamento para a Conservação da The Nature Conservancy.

Foi um desfecho em tom de “otimismo controlado” para a cúpula de Dubai que começou promissora, com a assinatura do compromisso para o Fundo de Perdas e Danos. E terminou melhor do que alguns esperavam, mas pior do que quase todos gostariam.

A participação do Brasil, com sua maior delegação em uma COP até hoje, frustrou quem contava com mais avanços na recuperação da imagem internacional do país depois da era Bolsonaro.

Desta vez, a linha de frente era composta por Lula, Marina da Silva e Sônia Guajajara, levando na bagagem a boa notícia da queda dos índices de desmatamento da Amazônia.

Três dias depois da abertura da conferência, entretanto, o país ganhou o famigerado “Fóssil do Dia”. O prêmio às avessas se deveu à entrada do país como membro observador da OPEP (Organização dos Países Produtores de Petróleo) e ao leilão de áreas de exploração em locais ambientalmente sensíveis, apelidado pelos críticos de “leilão do fim do mundo”.

A mídia internacional refletiu a decepção. “Tentativa de Lula de se firmar como líder do clima na COP28 minada pelo movimento com a Opep”, escreveu o The Guardian. “Lula é criticado pelos planos de petróleo na cúpula da ONU, uma reviravolta após o status de herói no ano passado”, disse a Associated Press.

Até a Al Jazeera, rede estatal do Catar, ecoou as críticas ao país que vai sediar a COP30, em Belém. Antes dela, porém, haverá a COP29 no Azerbaijão, outro país produtor de petróleo e ainda com sérios problemas de liberdade de imprensa.

Cláudio Ângelo, jornalista e diretor da rede ambiental Observatório do Clima, resumiu a presença brasileira em Dubai:

“O Brasil foi construtivo, mas não conseguiu evitar que a passagem da delegação fosse contaminada pelos delírios petroleiros dentro de casa. O país



REPRODUÇÃO

Camisa distribuída em Dubai pela delegação de Belém

foi cobrado, e justamente, por tentar fazer juras de amor a Greta no exterior e ao Al Ghais dentro de casa”, referindo-se ao Secretário-Geral da OPEP.

Receber uma conferência do clima tem vantagens, mas expõe o país anfitrião a um escrutínio maior. Algumas nações recusaram o convite para sediar a cúpula de 2024.

Dubai não teve medo de críticas e ainda nomeou o CEO de uma empresa petrolífera, o Sultão Ahmed Al Jaber, como presidente da conferência. A ONU deve ter se arrependido da escolha, sobretudo depois da divulgação de uma conversa com ambientalistas em que Al Jaber duvidou dos fundamentos científicos por trás da condenação dos combustíveis fósseis.

Belém vai ser uma festa, mas também um risco para a imagem do Brasil, que terá em casa um batalhão de jornalistas - em Dubai foram quase 4 mil credenciados - ávidos por retratar a realidade amazônica e as dificuldades de compatibilizar os esforços de preservação da natureza e de crescimento econômico.

Faltam dois anos até a COP30, mas o tempo voa. Dubai deixa lições de comunicação para o país e para as empresas brasileiras, que desfilarão na passarela do clima sob os holofotes do mundo. Os anfitriões precisarão estar impecáveis para não correrem o risco de decepcionar a plateia, em um planeta alarmado e climaticamente ansioso.



Acordo final: a avaliação pelas fontes que pautam a imprensa



O presidente da COP 28, Sultão Al Jaber, aplaude o acordo ao fim da conferência

REPRODUÇÃO

A COP acabou, mas os efeitos das decisões tomadas na 28ª Conferência das Partes da ONU continuarão a ser acompanhados pela imprensa e por vozes influentes nas conversas sobre as mudanças climáticas após o acordo assinado em Dubai. Em uma entrevista coletiva, o Secretário-Geral da organização, António Guterres, foi mais positivo do que em suas falas habituais sobre a crise ambiental.

“Pela primeira vez, o resultado da COP28 reconhece a necessidade de fazer a transição para longe dos combustíveis fósseis, depois de muitos anos em que essa discussão foi bloqueada”.

Menos otimistas, especialistas levantaram questões sobre a extensão e a aplicabilidade dos compromissos, e demonstram que estão de olho nos próximos passos do Brasil.

“

ANDREW DEUTZ | The Nature Conservancy

Dubai foi um marco significativo para um mundo mais limpo e justo. A diplomacia ao longo da noite transformou o texto que dividia os países em um caminho para seguirmos em meio à emergência climática.

Na preparação para as negociações, falávamos sobre a importância de ações e compromissos tangíveis com precedência sobre a retórica política.

O que os negociadores concordaram representa um passo na direção certa: um chamado para uma transição global que nos afaste de todos os combustíveis fósseis sinaliza que os governos estão finalmente abertos a lidar com o elefante na sala.”

“

NATALIE UNTERSTELL | Instituto Talanoa

Vencemos o impossível fim dos combustíveis fósseis - uma vitória retumbante sobre a diplomacia do óleo e do gás, que predominou nos últimos 30 anos.

O acordo convoca os governos a seguirem um calendário claro e alinhado de transição dos combustíveis fósseis, que terá de se integrar ao cronograma da transição das economias para zero emissões líquidas até 2050.

Isso significa que países que apostam na expansão contínua da produção de petróleo, gás e carvão mineral terão que rever seus planos e indicar como e quando completarão sua transição.”

“

MÁRCIO ASTRINI | Observatório do Clima

O resultado da COP28, forte em sinais mas fraco em substância, significa que o governo brasileiro precisa assumir a liderança até 2024 e estabelecer as bases para um acordo na COP30 em Belém que atenda à natureza e às comunidades mais pobres e vulneráveis do mundo.

O país pode começar cancelando sua promessa de se juntar à OPEP, o grupo que tentou e não conseguiu destruir essa cúpula. Sem ação real, o resultado de Dubai não será comemorado entre as comunidades de todo o mundo que sofrem com os eventos climáticos extremos.”

“

CAMILA JARDIM | Greenpeace Brasil

Apesar de não termos um plano claro sobre como se dará a eliminação progressiva dos combustíveis fósseis, o ganho real da COP28 foi colocá-los no centro do debate, responsabilidade que nenhuma das 27 conferências anteriores tinha assumido.

A COP28 desenhou as bases para a COP30, aumentando as expectativas para as próximas metas climáticas nacionais (NDCs), que deverão ser estabelecidas no Brasil, em 2025. Agora, os países precisam construir com clareza os mecanismos de implementação, especialmente os que dizem respeito a financiamento, capacitação e transferência de tecnologia aos países em desenvolvimento, o que deverá ser debatido na COP 29.”

“

MAURICIO VOIVODIC | WWF-Brasil

O resultado reforça a importância de o Brasil se engajar fortemente no estreitamento da confiança entre os países, para alcançarmos os resultados necessários na COP 30. Isso precisa começar já, durante a presidência do G20, onde será possível reforçar o comprometimento climático das maiores economias do planeta.

Porém, é preciso liderar pelo exemplo, o que significa que temos um grande desafio interno, já que parte do governo ignora a crise climática e trabalha para alinhar o Brasil ao grupo das nações responsáveis pelo quase fracasso da COP 28.”

“

CAROLINE PROLO | Laclima

Se comparado com outras decisões das últimas COPs, o texto progrediu bastante, ao inserir de forma explícita uma mensagem de eliminação dos combustíveis fósseis. Traz também o tema da biodiversidade e da conexão com a Convenção de Diversidade Biológica, e explicita os números das lacunas de financiamento.

Além disso, faz referências claras à implementação do Acordo de Paris em relação a aspectos de gênero, direitos humanos e direitos das crianças, convocando a sociedade civil e atores não-estatais a continuar apoiando no desenvolvimento do regime climático.”





Rei Charles abre a COP28 'rezando' por transformações que são difíceis até em seu reino

Sede da COP26, o Reino Unido levou para Dubai as tradições que não são particulares de uma nação, mas que aqui são testadas ao limite.

O país onde nobres conservam privilégios medievais vive os paradoxos da conferência do clima: o embate entre o futuro do planeta e o presente dos empregos, da conta no banco e da comodidade dos super-ricos.

A três dias do fim da COP28, o candidato a prefeito de Londres pelo partido de direita Reform, Richard Cox, deu entrevistas na TV sobre a onda de vandalismo contra câmeras do sistema ULEZ (Ultra Low Emission Zone).

Nessas áreas, carros fora dos padrões de emissão pagam £12,50 para circular. Os incomodados usam até bombas para destruir os equipamentos.

Fundador do grupo Fair Fuel UK, Cox reclamou das 'políticas anti-carros' do prefeito Sadiq Kahn, do Partido Trabalhista, idealizador do sistema que começou no centro e se espalhou para áreas periféricas, incomodando mais gente.

Testes mostram que a poluição caiu. Mas há impacto sobre a massa do eleitorado, gente que não anda de carruagem dourada, não tem Tesla e usa o carro velhinho para trabalhar - ou quer o conforto do transporte individual.

A abertura da COP28 em Dubai foi feita pelo rei Charles, ecologista de carteirinha. Ele disse que rezaria para a conferência se traduzir em "ação transformadora" - talvez pensando no retrocesso do país do qual é chefe de estado.

Em setembro, o premiê Rishi Sunak anunciou medidas atrasando promessas feitas em Glasgow, como o adiamento da proibição de novos automóveis a gasolina e diesel de 2030 para 2035 e da obrigatoriedade de melhorar a eficiência energética nas residências.

Charles não depende das urnas e poderia ter aproveitado o momento para pedir ação transformadora em seu país. Mas a estabilidade política da nação da qual ele é o chefe de estado, depende.

O Partido Conservador, hoje no poder, é um pilar da monarquia, assombrada pela perda de Elizabeth II, escândalos e movimentos republicanos.

O país vive uma crise de custo de vida que as novas gerações só conheciam de ouvir falar. Ao anunciar as medidas, o discurso do governo foi claro:

"O primeiro-ministro reafirma o compromisso do Reino Unido com o Net Zero até 2050 e promete um caminho "mais justo" para atingir a meta de aliviar os encargos financeiros das famílias britânicas".

Uma amostra de como as ULEZ - e outras medidas ambientais que governos mundo

afora relutam em adotar - influem na política foi vista na eleição para o substituto de Boris Johnson no Parlamento, em julho.

Os escândalos do Partido Conservador sob seu comando fizeram com que o Partido Trabalhista disparasse nas pesquisas, com chances de retomar o comando do país em 2024. Mas o partido não conquistou o assento em Uxbridge, eleição local em que era favorito. O motivo: o projeto ULEZ.

É um alerta para a dificuldade de convencer pessoas a mudarem de hábitos em prol do planeta, o que parte da imprensa tenta fazer, mas nem sempre consegue.

Os jornais tabloides, de grande influência sobretudo em locais mais afastados de Londres, tendem a fazer o jogo dos conservadores e a ficar ao lado das famílias afetadas pela alta de preços. Ao mesmo tempo, o Guardian é um dos mais comprometidos do mundo com o clima.

Charles III parece sincero em suas preocupações com a biodiversidade. Mas nem em família as coisas são fáceis. Em entrevista, sua irmã, Anne, se mostrou contrária ao "rewilding", movimento para deixar a natureza tomar conta de áreas ajardinadas. O motivo: não é bom para os cavalos.

QR code

[linkedin.com/company/gbrcomunicacao](https://www.linkedin.com/company/gbrcomunicacao) [instagram.com/gbrcomunicacao](https://www.instagram.com/gbrcomunicacao) [facebook.com/gbrcomunicacaooficial](https://www.facebook.com/gbrcomunicacaooficial)

GBR
comunicação



Dica de um especialista em investimentos: **invista com o íon no Itaú Personalité.**



Personalité

O íon é a plataforma de investimentos no Itaú Personalité que une a inteligência artificial, capaz de analisar bilhões de cenários, com especialistas que fazem recomendações levando em conta a variável mais importante: **você**.

Itaú Personalité. Mais que especialista em investimentos, especialista em você.



Antes de investir, verifique o seu perfil.

GALERA



Seja Personalité



Argentina ignorou clima na eleição presidencial e foi discreta em Dubai

A crise do clima foi ignorada por grande parte dos eleitores argentinos na eleição presidencial de novembro, que teve Javier Milei como vencedor.

Na campanha, o libertário expressou negacionismo em relação à influência do homem nas mudanças climáticas, que chamou de “falsa” em um debate eleitoral assistido por milhões de eleitores. “Só querem arrecadar dinheiro para vagabundos socialistas que escrevem relatórios de quarta categoria”, disse.

A ONG de checagem de fatos Chequeado contestou o político e economista que ocupará a Casa Rosada nos próximos quatro anos. “Muitos dos efeitos da mudança do clima que os cientistas previam já estão ocorrendo, como as ondas de calor”, enfatizou a organização.

Milei foi eleito com quase 56% dos votos, maior votação em um presidente desde o retorno da democracia argentina. A crise econômica foi decisiva, em meio a uma inflação de 142% em 12 meses, fazendo com que aquecimento global e preservação do meio ambiente ficassem de lado.

A situação lembra uma das tirinhas da personagem Mafalda, do argentino Quino (1932-2020): “Como sempre, o urgente não deixa tempo para o importante”.

A COP da transição

A COP28 ocorreu na transição entre os governos do peronista Alberto Fernández e de seu opositor de ultradireita.

Fernández e o ministro do Meio Ambiente, Juan Cabandié, não viajaram para Dubai, assim como não tinham ido ao Egito. A Argentina enviou uma comitiva tímida liderada pela secretária da Mudança Climática, Cecilia Nicolini, que só ficaria no cargo até a posse do novo governo. Quase no fim da COP, Milei enviou uma diplomata.

O desinteresse (rejeição?) de Milei pela pauta crucial foi refletido ainda na decisão de eliminar o Ministério do Meio Ambiente. Cinco dias antes da posse, não se sabia onde a pasta seria encaixada.

“ Como sempre, o urgente não deixa tempo para o importante ”

Depois de eleito, Milei arquivou, pelo menos por enquanto, algumas bandeiras de campanha, como a dolarização da economia. E, em mais uma contradição entre o candidato e o presidente, escolheu o professor Fernando Vilella, da Universidade de Buenos Aires (UBA), para a Secretaria de Agricultura, ligada ao Ministério da Economia.

Vilella é respeitado por defender a produção agrícola com sustentabilidade e mudará o nome da pasta para ‘Secretaria de Bioeconomia’. Seu discurso é diferente das declarações negacionistas de Milei: “Somos parte do meio ambiente e devemos produzir mais, porém cuidando dele”.

Nos últimos três anos, a Argentina registrou a pior seca “dos últimos cem anos”, de acordo com organismos como o Instituto do Clima e Água do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA).

Ao MediaTalks, o especialista Fernando Confessore, do Serviço de Meteorologia Nacional (SMN), disse ter sido a estiagem mais intensa desde a criação do órgão. Para Confessore, “certamente uma parte do longo período da La Niña (na Argentina), está ligado à mudança climática”.

A imprensa local tem mostrado como lagos no interior do país desapareceram, provocando mudança de hábitos. Numa viagem à província de Santa Fé, cortada pelo rio Paraná, testemunhei os olhos marejados dos habitantes, incluindo guias turísticos. Para muitos deles, pela primeira vez foi possível atravessar o rio a pé, como se ele tivesse virado uma rua, uma avenida de terra seca.

O drama climático contribuiu para reduzir as exportações, drenou as reservas do Banco Central e afetou fortemente o desempenho da economia.

Mas apesar dos efeitos do clima (excluído da cartilha de Milei na campanha), ele saiu vitorioso das urnas em 21 das 24 províncias, incluindo também a de Santa Fé.

A preocupação imediata com o bolso, que inclui as incessantes remarcações de preços na gestão de Fernández e do ex-candidato presidencial derrotado Sergio Massa, teve maior influência no voto do que a necessidade de se discutir e implementar políticas climáticas para o bem da humanidade.



O 'divórcio' argentino da realidade

por MARCIA CARMO

O diretor geral da Fundação Vida Silvestre, Manuel Jaramillo, que participou da COP28, vê um 'divórcio' da sociedade e das autoridades argentinas com o clima.

Engenheiro florestal e porta-voz da entidade, que é associada à WWF e tem como missão a educação ambiental e a preservação do meio ambiente, Jaramillo afirma que a Argentina tem um enorme caminho pela frente para conciliar o que se fala com o que se faz.

Descaso

"O antigo governo enviou 140 pessoas na COP passada e só 14 pessoas nesta. Já o novo governo não deu nenhuma importância ao encontro, o que demonstra sua visão sobre o meio ambiente".

Fim do Ministério do Meio Ambiente

"O fim do Ministério mostra que a questão não é prioritária para Milei. Entendo a pressão do desenvolvimento econômico num país com 40% das pessoas na pobreza. Mas é enganoso pensar na saída econômica dissociada da agenda ambiental, pois o descaso com o meio ambiente afeta o desenvolvimento econômico e social.

Cometeremos um grave erro tentando pro-

mover o desenvolvimento econômico com mais combustíveis fósseis ou ampliando a fronteira agrícola em detrimento da natureza."

Enorme caminho

"Nos últimos vinte anos aumentou a conscientização dos argentinos com relação ao impacto da questão ambiental na vida cotidiana, na economia, na estabilidade emocional.

Isso levou a mudanças positivas. Mas as atitudes de indivíduos, das empresas e do Estado estão muito longe de transformar a realidade.

E isso ocorre em todos os níveis. Ainda não realizamos, por exemplo, um consumo responsável de energia. Entre o que se fala e o que se faz, ainda temos um enorme caminho pela frente."

Tema esquecido

"Com a ampla vitória de Milei, ficou claro que o meio ambiente não é prioridade para a sociedade argentina. Isto é uma crítica para nós, das fundações ambientais, que não conseguimos tornar o assunto decisivo, porque grande parte dos eleitores acha que os assuntos ambientais são distantes de suas outras preocupações.

E assim venceu quem disse que o aquecimento global não existe, que é uma invenção do socialismo, e que nem incluiu o meio ambiente em sua agenda de campanha."

Falta de consciência

"Nos lugares onde foi implantada a separação dos resíduos, tem gente que não os separa por acreditar que tudo



Manuel Jaramillo

vai parar no mesmo lugar. Os mais jovens até separam, e usam os adubos em seus próprios jardins.

Porém, ainda são muitos os desafios. É o caso dos plásticos. Por comodismo, muita gente não usa as bolsas reutilizáveis."

Seca histórica

"Tenho 50 anos, e nunca tinha visto um período de seca tão longo e intenso na Argentina. O impacto na economia do país mostra como o ambiental confronta com o político e o social.

Mas a sociedade não vê assim. E para os políticos não vale a pena falar sobre isso porque eles têm muito pouco para mostrar sobre seu compromisso com a causa."

Criamos relações com todos os setores da sociedade para trazer resultados de impacto.

**Isso é
Moving People.**

É o que fazemos. Juntos.

Com estratégia, criatividade, relacionamento e inteligência de dados. Para as marcas mais admiradas do Brasil e do mundo.



Grupo **bcw** Brasil

bcw | MÁQUINA

Moving People Together.





Suécia, por CLAUDIA WALLIN

Marcha à ré na Suécia abalou imagem de modelo ambiental para o mundo

Perplexo como um vegano convidado pelo melhor amigo para um churrasco, o mundo assiste a uma aparentemente inexplicável e ainda mais vigorosa marcha à ré na política climática da Suécia - o país de Greta Thunberg, e historicamente um dos maiores líderes globais na defesa do meio ambiente.

Às vésperas da COP28, o governo anunciou um orçamento que deve elevar dramaticamente as emissões de carbono. E ficou evidente que o país não mais será capaz de cumprir suas metas climáticas para 2030 - e de ser percebido pelo mundo como modelo.

Espanto semelhante já havia acontecido antes da Conferência do Clima do Egito, quando o então recém-empossado governo de centro-direita anunciou a extinção do Ministério do Meio Ambiente e do Clima como organismo independente, além de cortar recursos para programas ambientais e abolir o bônus para quem compra veículos elétricos.

No palco da cúpula do clima da ONU em Dubai, o premiê Ulf Kristersson tentou salvar a imagem da Suécia como líder global do clima. Mas como apontou o principal jornal sueco, Dagens Nyheter, seu discurso indica que o governo adotou uma nova estratégia para demonstrar a liderança na questão climática: olhar para trás.

“Vejam como nossas emissões de gases diminuíram desde os anos 90. Vejam como a Suécia tem, ao lado de Portugal, os mais baixos índices de emissão per capita na União Europeia”, exemplificou o jornal.

“Certamente isto funciona como uma fonte de inspiração. Mas não se pode solucionar a crise climática apenas olhando para trás. E se miramos em direção ao futuro, o papel da Suécia na defesa do clima parece que vai mudar”, escreveu o jornalista Peter Alestig.

Na opinião de um batalhão de críticos na Suécia, os cortes no orçamento climático determinados pela coalizão de governo liderada por Kristersson - apoiada pelo partido nacionalista anti-imigração Demócratas da Suécia - não têm precedentes, embora o processo de redução de emissões já caminhasse de forma lenta no governo anterior, formado pelo partido Social-Democrata em coalizão com o Partido Verde.

Que raios se passa com este país - o primeiro a aprovar uma lei de proteção ambiental em 1967, o primeiro a sediar uma conferência do clima da ONU em 1972, o primeiro a anunciar a meta de tornar-se livre do uso de combustíveis fósseis em 2015, o primeiro a implementar a precificação do carbono como instrumento para acelerar a transição energética nos anos 90 (e que tem hoje um dos mais altos impostos sobre CO2)?

O que aconteceu com o país que em 2020 inaugurou a primeira siderúrgica do mundo alimentada exclusivamente por hidrogênio, e que recicla 99% do seu lixo?

Em setembro, o orçamento anunciado pelo governo incluiu uma redução de 259 milhões de coroas suecas (o equivalente a R\$ 120 milhões) para ações ambientais, assim como um corte nos impostos sobre o petróleo e o diesel. Segundo a Sveriges Na-

“O que aconteceu com o primeiro país a sediar uma COP?”

tur, principal publicação ambiental sueca, a estimativa é de que a emissão de gases aumente entre 4,8 milhões e 8,7 milhões de toneladas até 2030.

A Naturvårdsverket (Agência de Proteção Ambiental Sueca) alerta: se nada mais for feito, não será possível cumprir a meta de reduzir as emissões em transportes em pelo menos 70% até 2030.

Em entrevistas, Romina Pourmokhtari - a ministra sem ministério do Meio Ambiente e do Clima, pasta transferida para o ministério de Minas e Energia - tenta convencer os suecos, sem êxito, de que tudo vai acabar bem. E as críticas se multiplicam.

“O que está acontecendo é que o governo está conscientemente aumentando as emissões. Nenhum governo sueco dos tempos modernos fez algo assim. E isto é extremamente sério”, destacou na TV pública sueca, a SVT, o porta-voz do opositor Partido do Centro para assuntos de clima e energia, Rickard Nordin, que ameaça uma moção de desconfiança contra a ministra do Meio Ambiente e do Clima.

O único banco que compensa a emissão de CO2 de toda a sua frota de carros financiados

Leve para a vida



Para saber mais, acesse:
bv.com.br/institucional/sustentabilidade/semprecompensa



Reações ao retrocesso na política ambiental sueca

Em entrevistas, a Ministra das Finanças da Suécia, Elisabeth Svantesso destaca que o foco do governo é combater a inflação e implementar medidas que ajudem os cidadãos a enfrentar a crise econômica.

É um discurso ouvido também de lideranças de outros países europeus: prioridade para medidas que levem em conta o bolso dos cidadãos.

Como observa a correspondente global de clima da rede de TV pública sueca (SVT), Erika Bjerström, este parece ser o novo momento em relação à controversa política climática: um país que não mais vê a necessidade de se posicionar como uma superpotência do clima, e sim que considera que seu bom desempenho na defesa do meio ambiente deve se alinhar aos objetivos das demais nações europeias.

“A nova política é de que ‘nós somos parte da Europa, e não devemos ter uma política climática mais ambiciosa do que a média do bloco’”, avalia Erika.

Diante dos cortes nos recursos para medidas ambientais, tão incompreensíveis para todos, a interpretação de Erika traz uma possível lógica: na sua avaliação, o que o governo sueco está dizendo é que talvez tenha se acabado o tempo dos amazônicos financiamentos governamentais para projetos ambientais, e que o país entra em uma nova etapa na qual as transformações serão feitas principalmente pela indústria.

Mas os ativistas estão indignados. O Fridays for Future, movimento fundado pela ativista sueca Greta Thunberg, classificou o orçamento como uma “catástrofe” e “grande traição”.

“O governo não está tratando a questão ambiental com seriedade. Os orçamentos anteriores foram ruins, mas este é ainda pior”, disse Linna Gadde, do Fridays for Future.

“Este governo não compreende e nem se importa com a crise climática. As pesquisas são claras: precisamos reduzir as emissões a cada ano”, disse Per Bolund, que até novembro atuou como um dos dois líderes do Partido Verde sueco (a sigla divide sua liderança entre um homem e uma mulher).

Apesar do tsunami de críticas, a Suécia continua a ocupar uma posição invejável na defesa do meio ambiente e do clima.

O país figura na quinta posição do Climate Change Performance Index, o ranking internacional que monitora os esforços e o progresso no combate às mudanças climáticas em 59 países e entre os membros da União Europeia, atrás apenas da Dinamarca, o que na prática equivale ao segundo lugar. As três primeiras posições sempre ficam vazias.

Greta: o sonho juvenil acabou?



São novos tempos neste país em que nem sua maior estrela ambiental, Greta Thunberg, é unanimidade. A ativista tem a simpatia de muitos, mas também a antipatia de outros tantos, incluindo comentaristas na mídia, políticos e o público.

Em seu último debate no Parlamento no mês passado como um dos líderes do Partido Verde, Per Bolund disse:

“Greta Thunberg e seu movimento Fridays for Future dizem que a política não vai resolver o problema, e que é preciso ir às ruas. Eles falam do poder do povo. Esta é uma retórica que se baseia no descrédito e na desconfiança”.

A presidente do movimento jovem do Partido Social-Democrata, Lisa Nånberg, disse que não basta fazer críticas e reivindicar medidas sem apresentar soluções possíveis. Greta foi ainda duramente criticada, dentro e fora da Suécia, por adotar uma posição pró-palestinos na guerra em Gaza.

Usando um kufiya (lenço palestino branco e preto), ela pediu um cessar-fogo durante uma manifestação pelo clima em Amsterdã, e afirmou que “não há justiça climática em terra ocupada”. A declaração provocou raras dentro do próprio Fridays for Future.

Thunberg tinha 15 anos de idade quando deu início ao movimento, que convocou milhões de jovens em todo o mundo a faltar à escola às sextas-feiras, como forma de exigir ações climáticas. Ela sentou-se sozinha diante do Parlamento sueco, com um cartaz dizendo: “Greve escolar pelo clima”.

A adolescente virou adulta: aos 20 anos e recém-formada no ensino médio, Greta Thunberg fez em junho deste ano a sua última greve pelo clima como estudante secundária. Em 2019, ela fez uma pausa nos estudos para aumentar a conscientização global sobre a ação climática, o que atrasou em um ano sua formatura.

“Hoje eu me formo na escola, o que significa que não poderei mais fazer a greve escolar pelo clima. Esta é a última greve escolar para mim”, disse a ativista sueca.

“Mas vou continuar a protestar às sextas-feiras, mesmo que não seja tecnicamente uma greve escolar. Simplesmente não temos outra opção senão fazer tudo o que pudermos. A luta está apenas começando”, avisou ela.

Greta não foi a Dubai, mas não foi a única sueca ausente. Nenhuma das grandes organizações ambientais da Suécia aceitou participar da COP28.

Uma das principais razões foi a decisão do país anfitrião de nomear o sultão Ahmed Al Jaber, CEO da Companhia Nacional de Petróleo de Abu Dhabi, uma das maiores petrolíferas mundiais, para o papel de presidente da conferência.





Itália, por FERNANDA MASSAROTTO

A guerra para manter a crise climática na pauta

Nos últimos dois anos, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia foi destaque na mídia italiana. Instabilidade econômica e o martírio da população ucraniana deixaram outros temas, como o clima, em segundo plano.

Os preparativos para a COP28 seriam uma oportunidade para a cobertura ambiental ganhar mais espaço, até que em 7 de outubro houve o ataque do Hamas a Israel. Mas a crise do clima é tão importante que até as guerras têm sido motivo para falar dela.

"Perdemos visibilidade com as guerras, mas nem tanto", ameniza Edoardo Vigna, editor do Planeta 2030, do Corriere della Sera.

"A guerra na Ucrânia influenciou para que tratássemos a questão do ponto de vista energético, ainda que tenhamos sido levados a reduzir espaço para pesquisas, análises e soluções", diz o editor do caderno, criado há quatro anos para acompanhar a crise das mudanças climáticas.

O Planeta é cuidadoso com o excesso de termos técnicos e usa recursos visuais para facilitar a compreensão, como explica Vigna:

"Nossos textos são diretos e fáceis de entender. Também exploramos histórias em quadrinhos, infográficos e fotos que ilustram a beleza da natureza e o descaso com o meio ambiente".

Blogs, contas no Instagram e no TikTok, programas de rádio, TV e canais na internet somam-se aos cadernos dos tradicionais jornais italianos.

Mas a realidade é que a informação ambiental ainda tende a ter um papel marginal na imprensa do país e é dependente de acontecimentos extremos.

É o que mostra o "Relatório Eco Media 2022", produzido pelo Instituto italiano Pentápolis Ets, em colaboração com o Instituto de Formação em Jornalismo de Urbino.

O estudo apurou que no segundo quadrimestre de 2022 os principais jornais italianos publicaram em média três artigos por dia sobre o tema.

Houve um pico de visibilidade entre julho e setembro, quando ocorreram alguns desastres ambientais, como as enchentes na região de Marche e a avalanche da maior geleira dos Alpes Italianos,

a Marmolada. Completando a "tempestade perfeita", aconteceram no período a grave crise hídrica e as fortes ondas de calor durante o verão.

Esses picos confirmam que o interesse da mídia sobre as mudanças climáticas segue um ritmo instável na Itália.

A inconstância está relacionada às prioridades do governo vigente ou mesmo aos pactos entre os setores público e privado.

A primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, tem dispensado mais atenção à crise migratória que afeta o país do que às prioridades do clima.

"A nossa sorte é que a União Europeia dita leis para a proteção do meio ambiente que devem ser adotadas e respeitadas pelos países membros", observa Laila Bonazzi, jornalista e estrategista de comunicação na área de sustentabilidade.

O efeito colateral de ataques a monumentos

Na Itália, o alarmismo ambiental nem sempre tem ajudado a conscientizar sobre os riscos ao futuro do planeta. Por vezes, o resultado é o oposto.

"Algumas iniciativas de grupos de jovens ativistas, como o Fridays for Future, são questionadas principalmente quando danificam monumentos e obras de arte", comenta a jornalista Laila Bonazzi.

"Minha sensação é que tais ações levam as pessoas a se desinteressarem pela causa", avalia ela.

Os jornalistas se dividem na avaliação da eficácia das ações e defendem equilíbrio entre boas e más notícias.

"Entende-se que para aproximar o leitor menos interessado é necessário mostrar as possíveis consequências e as catástrofes, deixando claro que é urgente encontrar uma solução", avalia a jornalista.



Em maio, manifestantes do grupo Last Generation tingiram de preto as águas da Fontana di Trevi, em Roma.

REPRODUÇÃO



O chamamento do Papa à "conversão ecológica"

por FERNANDA MASSAROTTO

Qual o poder das celebridades globais na mobilização de pessoas comuns, líderes políticos e das empresas para o combate às mudanças climáticas e mitigação de seus efeitos?

O Papa Francesco acredita nesse poder, e se tornou o primeiro pontífice da história a confirmar que participaria de uma conferência do clima da ONU. Infelizmente para a causa ambiental, sua saúde frágil o obrigou a cancelar a viagem, que certamente amplificaria o impacto de suas manifestações sobre a crise climática.

A mais recente foi um documento publicado em outubro, intitulado *Laudete Deum*, no qual ele pede a todas as pessoas de boa vontade uma "conversão ecológica". O chamamento é para que reconheçam o planeta "como um dom recebido do Pai".

No dia em que deveria falar em Dubai, o pontífice usou sua conta no Twitter/X para cobrar dos estrategistas o foco no bem comum e na juventude, e não nos interesses de "certos países e negócios", mostrando "nobreza na política".

A intenção do Papa de participar da COP28 foi bem recebida na Itália e vista como positiva pelos jornalistas que cobrem a Santa Sé, entre eles o vaticanista Iacopo Scaramuzzi, que trabalha no jornal *La Repubblica* e acompanha os acontecimentos do Vaticano há mais de 20 anos.

Surpresa, mas nem tanto

"Desde o início do seu papado, Jorge Mario Bergoglio investiu muita energia em causas sociais. A mudança climática é uma delas.

Ao contrário dos seus antecessores, ele usa sua influência para atrair a atenção não só dos fiéis, mas de toda a audiência global para as questões ambientais."

O Papa e o clima

"O interessante é que o Papa Francesco foi estabelecendo um vínculo com as questões ambientais ao longo dos anos com muita sutileza. Durante a COP21, realizada em Paris, em 2015, ele fez questão de marcar posição telefonando à então Ministra do Ambiente Ségolène Royal, que presidia a conferência.

Em 2021, a Santa Sé organizou o encontro "Fé e Ciência: rumo à COP26", marcada para Glasgow. Com a participação de cientistas e líderes religiosos, foram discutidas solu-



Iacopo Scaramuzzi: "O Papa tem autoridade moral para fazer o mundo refletir".

ções para a redução de emissões de carbono e formas de ajudar os países pobres a alcançá-las."

Autoridade moral

"Vale lembrar que nem o Papa e nem a Igreja Católica têm poder político como antigamente. São hoje em dia autoridades morais.

Mas o que importa é que suas palavras são ouvidas e recebidas com muita atenção.

E não digo apenas pelos católicos. Quando ele aborda um assunto delicado, sabe que vai gerar um interesse global da mídia.

Não o vejo como um ecologista ou ativista, mas como uma autoridade que se preocupa com o nosso destino, com o da natureza e também com as consequências sociais que teremos de enfrentar. Com certeza, ele mobiliza e nos faz refletir."



PARA SABER MAIS SOBRE O NOSSO PROPÓSITO, ACESSE O QR CODE E CONHEÇA NOSSA ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE.



Saint-Gobain signatária do:



Nosso compromisso validado:



Parcerias e reconhecimentos:



...Thank you for your part in
MAKING THE WORLD A BETTER HOME



ESCREVENDO O FUTURO A PARTIR DO ZERO.

Zero acidente.

Zero emissão.

Zero congestionamento.

A GM compartilha a visão de um futuro com zero acidente, zero emissão e zero congestionamento. Assumimos o compromisso da neutralidade em emissões de carbono até 2040. Estamos investindo 35 bilhões de dólares até 2025 para lançar 30 modelos 100% elétricos em todo o mundo. No Brasil, já anunciamos novos modelos da Chevrolet que, junto ao Bolt EUV, vão complementar o portfólio zero emissão no país.



No trânsito, escolha a vida!

Os veículos Chevrolet estão em conformidade com o Proconve - Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores. SAC: 0800 702 4200.





Estados Unidos, por ELOÁ ORAZEM

O movimento anti-ESG cresce no país cujo presidente esnobou a COP28

Três em cada quatro americanos acreditam que as mudanças climáticas já prejudicam quem vive nos Estados Unidos, e 73% dos entrevistados disseram que um número cada vez maior de plantas e animais corre risco de extinção. Os dados são da Pew Research, uma das agências de pesquisas mais relevantes do país, que, em 2023, estendeu o questionário a respeito da pauta ambiental – mesmo ano em que o país bateu recorde de desastres climáticos bilionários.

Apesar dos números, o líder da maior potência mundial não foi à COP28. A Casa Branca justificou a ausência de Joe Biden alegando que o presidente estaria focado no conflito do Oriente Médio. Na agenda pública, porém, constavam eventos como

uma reunião bilateral com o presidente de Angola e a "inauguração" da árvore de Natal, em Washington DC.

Essa incoerência da Casa Branca é condizente com o momento do país, que se diz preocupado com o clima, mas "desabona" o ESG. Um levantamento da Reuters, publicado em julho deste ano, mostrou que mais de US\$ 15 bilhões foram retirados de fundos ESG apenas no segundo trimestre de 2023.

A pressão de Wall Street não para por aí. O empresário do setor de tecnologia e saúde Vivek Ramaswamy ganhou as manchetes ao afirmar que o lucro virou algo "secundário" para as grandes corporações, que preferem "lacrar" nas redes sociais.

Ramaswamy chegou a escrever uma carta aberta ao CEO da Apple, Tim Cook, pedindo para que a empresa pare de levar em consideração a diversidade racial na contratação de funcionários, e passe a priorizar a qualidade dos candidatos. O magnata conservador se tornou, por assim dizer, uma espécie de porta-voz do movimento anti-ESG.

Essa contracorrente ganhou força também na esfera política dos Estados Unidos, sobretudo entre os republicanos. O governador da Flórida, Ron DeSantis, proibiu sua administração de tomar decisões baseadas em conceitos de sustentabilidade, e chegou a declarar que ESG é uma ameaça à economia.

Vale lembrar que, em agosto de 2023, a Flórida foi atingida pelo furacão Idalia, que deixou pelo menos quatro mortos no estado e um prejuízo de até US\$ 20 bilhões.

Shon Hiatt | Do contra, mas com razão?



Para quem acompanha o movimento anti-ESG, nem tudo são bandeiras partidárias. O professor da USC, Shon Hiatt, especialista em energia, é um dos que pensam assim. Em conversa com o MediaTalks, ele citou diferentes fatores para explicar essa tendência – todos ligados à "pontuação" que avalia o score ESG das empresas.

Utilizando critérios pré-determinados, pode-se avaliar cada prática ESG de uma empresa. A pontuação geral é resultado do cálculo médio dessas classificações.

Pareceu confuso? Pois é. "Estudos mostraram que as pontuações variam de forma dramática, dependendo da agência avaliadora", explica Hiatt. "Por exemplo, a Tesla pode ter um ESG super alto segundo a avaliação da agência A, mas ter um score baixo na B. Isso acontece porque os indicadores são distintos, e as pessoas não sabem de que forma este ESG está sendo calculado".

Outro ponto levantado pelo docente tem a ver com o risco financeiro. Quando avaliamos as práticas que englobam o Environmental, Social and Governance, não levamos em conta a saúde financeira da companhia, de forma que uma empresa sustentável pode não ser rentável – o que inviabilizaria a coisa toda.

Por fim, Hiatt acredita que um peso desproporcional dos critérios da avaliação ESG esteja demasiadamente focado na emissão de carbono, o que explica a guinada republicana na direção do movimento anti-ESG.

"Estados conservadores, como Texas, Ohio e West Virginia, têm empresas que estão envolvidas em práticas com alta emissão de carbono, tais como extração de petróleo, refinação e extração de carvão. Essas empresas terão, naturalmente, uma pontuação muito mais baixa do que qualquer outro negócio de outro setor", explica o professor.

"Assim, essas empresas saem em desvantagem para obter financiamento, porque grandes investidores institucionais, como fundos de pensão, não querem mais investir em nenhuma empresa que tenha, digamos, uma pontuação ESG inferior a 70", diz Hiatt.

Segundo o professor, é por isso que há fundos estaduais que atacam as classificações ESG porque acreditam que o *rating* desfavorece muitas das empresas sediadas em seus estados.



Witold Henisz | O avesso do avesso



Vem da costa leste dos Estados Unidos um contraponto. Diretor da Iniciativa ESG da Universidade da Pensilvânia, o professor Witold Henisz é enfático ao falar que esse movimento "do contra" é estritamente político, ampliado pela mídia.

"Não quero dizer que ele não tenha implicações práticas, mas acho que sua importância é superestimada", contou ao MediaTalks.

Henisz reconhece que o sistema ESG não é perfeito e que há muito a lapidar, mas acredita que o capital continua apontando nesta direção – assim como os eleitores.

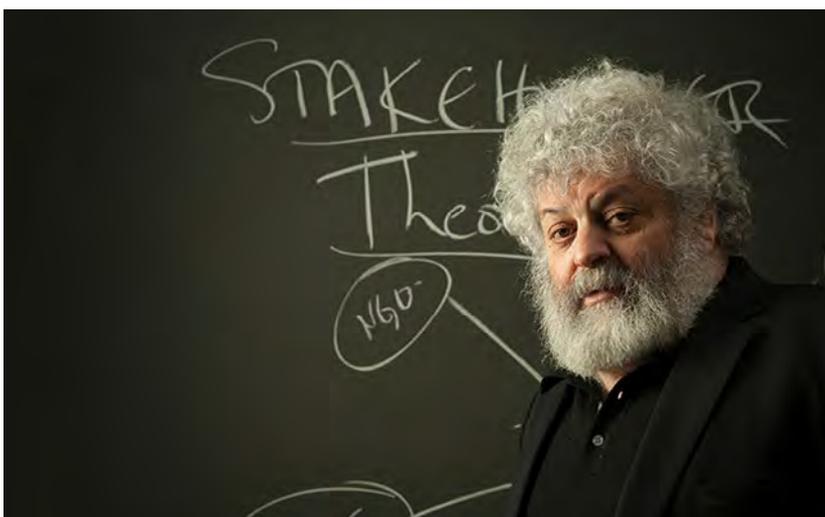
"Se olharmos para o movimento ESG e para o anti-ESG, vemos que um lado tem mais dinheiro, mais votos e mais impacto, enquanto o outro é basicamente um

posicionamento político. Este assunto deveria ser tratado apenas nas páginas de política, e não nas de negócios e finanças", pontua.

Embora concorde com o argumento da falta de coerência dos critérios de avaliação das práticas de ESG, Henisz teme que isso sufoque todo o movimento.

"Eu simpatizo com muitas das críticas específicas (ao ESG). Só não me prendo à conclusão de que devemos nos livrar dele ou de que é perigoso. Minha conclusão é que ainda temos aprimoramentos a fazer, e estou empenhado em fazer esse trabalho. Encorajo os críticos do movimento ESG a nos mostrar uma alternativa melhor. Não apenas a jogar pedras. Ajudem a encontrar o caminho a seguir, onde possamos mostrar como o risco climático é real e como isso não é uma coisa dos Democratas, nem uma questão dos Republicanos. O escore ESG não pode ser reduzido a uma questão ideológica. É uma boa forma para avaliar os riscos financeiros do clima, os riscos financeiros da justiça social. Todos devemos concordar com isso".

Edward Freeman | O 'criador' do ESG



A teoria dos *stakeholders*, publicada em 1984, por Edward Freeman, é considerada, por muitos, uma das forças motoras do movimento ESG. Por isso, desde então, Freeman fala e escreve muito sobre o tema – e conversou com o MediaTalks.

Para o especialista, toda discussão sobre o tema deve ser comemorada, porque denota evolução. "Acho que o ESG, em si, já é um avanço: primeiro houve um conceito e um modelo, depois começamos a aprimorá-lo. Essa estrutura de análise

de investimento é uma ferramenta que prioriza o *stakeholder* e que simplifica sua abrangência".

Ainda de acordo com ele, a ideia de ignorar o bem-estar gerado por uma empresa, para focar apenas no seu retorno financeiro é uma ideia absurda, cujo fracasso já foi, inclusive, comprovado. "A crise financeira de 2008 é, para mim, um dos casos que melhor ilustram o que pode acontecer quando os *stakeholders* são ignorados para priorizar o interesse dos investidores", disse.

Invocando Oscar Wilde – "todo santo tem um passado, e todo pecador tem um futuro" – Freeman nos encoraja a abdicar de narrativas do tipo "esta empresa é boa; esta empresa é má", alertando que as coisas são bem mais complexas do que isso.

"A gente tem a concepção errada de que conversar sobre ética e sobre valores são diálogos leves e sutis, e que falar de orçamento e de metas é uma conversa difícil. Eu acho que é justamente o contrário", diz.

“Temos que equilibrar a indignação com o otimismo”, diz ex-chefe do clima da ONU que negociou Acordo de Paris

por AJIT NIRANJAN, The Guardian (compartilhada com os membros da rede Covering Climate Now)

“As pessoas devem equilibrar a indignação e o otimismo depois de um ‘verão infernal’ de condições meteorológicas extremas”, pediu em entrevista a ex-chefe do clima da ONU durante a COP28.

“Temos de manter a indignação elevada porque estamos muito atrasados”, disse Christiana Figueres, negociadora veterana aclamada como a arquiteta do acordo climático de Paris.

Ela destacou as fracas políticas que os governos estabeleceram para reduzir a poluição que provoca o aquecimento do planeta e os subsídios de US\$ 7 bilhões que destinam direta e indiretamente aos combustíveis fósseis.

Mas Christiana Figueres disse que há motivos para otimismo que podem impedir que as pessoas caiam em um “buraco sem saída”.

“Eu faço uma escolha consciente todas as manhãs ao dizer ‘sim, eu sei quais são todas as más notícias’ – isso é fácil de ver porque elas aparecem em qualquer feed de notícias. Mas também: o que está acontecendo de positivo? Quais são os elementos disruptivos configurando evidências reais e fortes de que a situação está mudando?”.

Falando a um grupo de repórteres em entrevista organizada pela coalizão Covering Climate Now, Figueres destacou a queda acentuada do custo das energias renováveis e o maior uso dos carros elétricos como áreas onde mudanças positivas acontecem cada vez mais rapidamente.

“Mas estamos “terrivelmente perto” de pontos de ruptura, mesmo que estes não sejam determinantes para o nosso destino”, acrescentou.



REPRODUÇÃO

Christiana Figueres

Figueres, diplomata costarrriquenha que começou a trabalhar com clima na década de 1990, disse que sente momentos de desesperança, desamparo e depressão todos os dias, mas “não é o meu sentimento dominante e certamente também não é a minha energia dominante”.

“No momento em que desistimos e dizemos ‘OK, estamos condenados, estamos acima de 1,5°C, vou apenas rastejar para dentro do meu pequeno cubículo e puxar os cobertores’ – então temos uma profecia autorrealizável, com certeza. Nossa responsabilidade é compreender a ameaça e fazer tudo para evitá-la.”

Na conferência de Paris em 2015, quando Figueres era a chefe do órgão da ONU que supervisionava o encontro, os governos assinaram um tratado juridicamente vinculativo para impedir o aquecimento do planeta 2°C acima das temperaturas pré-industriais até o fim do século, e idealmente 1,5°C.

Mas nos oito anos seguintes, os líderes mundiais continuaram a promover políticas que irão obstruir a atmosfera com mais carbono do que muitas pessoas e ecossistemas conseguem suportar. A cúpula deste ano é organizada pelos Emirados Árabes Unidos, grande produtor de petróleo e gás. O presidente da COP28, Ahmed Al Jaber, é o chefe da empresa petrolífera nacional dos Emirados Árabes Unidos, Adnoc, que planeja expandir a produção de combustíveis fósseis.

Al Jaber e os seus apoiadores argumentaram que a indústria é um parceiro importante que merece um lugar à mesa. Figueres disse que durante muitos anos defendeu uma atitude semelhante porque as empresas de combustíveis fósseis têm alguns dos “bolsos mais cheios” e os engenheiros mais qualificados.



Mas a sua confiança diminuiu desde a invasão da Ucrânia pela Rússia e o aumento dos preços da energia. “As principais empresas de petróleo e gás, que se vendiam como parte da solução para as alterações climáticas, distribuíram lucros extraordinários para enriquecer ainda mais os acionistas, ao mesmo tempo que cortaram seus gastos em energias renováveis” ela disse.

“Isso é imperdoável. Infelizmente, perdi a minha esperança nas empresas de petróleo e gás devido às evidências que surgiram nos últimos 12 a 24 meses. Estaríamos em uma posição muito melhor se eles decidissem investir suas habilidades de engenharia incomparáveis e suas grandes carteiras na busca de soluções? Certamente. Eles estão fazendo isso? Não”, concluiu.

Numa [postagem no X](#), Figueres disse que a presidência da COP28 foi “apanhada em flagrante” e apelou por mais transparência e responsabilização. Os [ativistas climáticos](#) criticaram as conferências anteriores porque os acordos estavam muito distantes daquilo que

os cientistas demonstraram ser necessário para impedir a mudança do clima.

Foram necessárias 25 COPs até que os governos estivessem dispostos a abordar combustíveis fósseis na sua declaração final. Figueres disse que existe o perigo de as pessoas esperarem do processo resultados para os quais ele não foi concebido.

“A COP foi desenhada, e digo isso porque estive lá e contribuí para o desenho, para entregar acordos multilaterais de todos os governos nacionais unidos. Para colocar grades de proteção, se quiserem, ou para redigir um plano de negócios global ou qualquer equivalência que queira usar para a descarbonização da economia”.

Essa tarefa foi “substancialmente concluída”, disse ela, embora permaneçam muitas questões importantes relativas aos investimentos. Mas em termos de redução de emissões, “agora é hora de passarmos para esforços em escala nacional e compromissos empresariais. É aí que a ação precisa ocorrer.”

Figueres também defendeu o processo da COP e o acordo de Paris por não punirem os governos que não cumprem as suas promessas de parar o aquecimento do planeta. “Vamos apenas lembrar que não temos uma polícia ambiental no mundo”, disse.

Quando o Canadá não cumpriu o protocolo de Kioto – um tratado anterior para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa que incluía multas pelo não cumprimento – Figueres recebeu “um pequeno bilhete” do então primeiro-ministro [dizendo que estava retirando o seu país do tratado](#).



Esta matéria do jornal [The Guardian](#) é publicada aqui como parte da rede colaborativa jornalística global [Covering Climate Now](#).

A sustentabilidade nas decisões tributárias

por FABIO RUA,
Vice-Presidente
da GM



Há algum tempo, o Brasil tem sido visto como um expoente global em sustentabilidade. Tanto que, neste ano, o Brasil contou com uma das maiores comitivas na COP28, a conferência do clima da ONU, com 12 ministros, mais a presença do Presidente da República.

Nos últimos meses, uma coalizão composta por algumas das maiores fabricantes de automóveis presente no Brasil está intensamente mobilizada para garantir que a reforma tributária, no que tange ao segmento, possa refletir não só as melhores práticas de isonomia e competitividade, mas também estimular a adoção de tecnologias mais limpas.

Hoje em dia, temos os carros híbridos a etanol e os elétricos, que não poluem ou que são muito mais sustentáveis do que a solução de propulsão que ainda predomina

atualmente, que é o motor a combustão. Considerando todo o investimento em sustentabilidade, é imprescindível que nossos congressistas atuem no mesmo sentido quando o assunto é reforma tributária.

Não faz sentido manter incentivos fiscais para a produção de carros a combustão. Além de desequilibrar as condições de competitividade, estaríamos estimulando a continuidade de uma tecnologia poluente ao invés de utilizarmos esses incentivos a favor da produção local de tecnologia limpa.

Estamos às vésperas da votação da reforma tributária na Câmara dos Deputados e o texto considera a continuação do incentivo fiscal para produção de carros a combustão na região Nordeste. Se estamos tão empenhados na questão da sustentabilidade, vamos continuar utilizando recursos públicos

para estimular ainda mais a produção de motores a combustão?

Isso nos deixa em uma posição vulnerável no que diz respeito à descarbonização e ao combate às mudanças climáticas. Nossos congressistas são os únicos que podem colaborar para incentivarmos a produção de carros mais limpos, por meio da votação da reforma tributária.

Estamos diante de um momento histórico, que vai ajudar a definir as bases para o crescimento do Brasil nos próximos anos. Não podemos perder a oportunidade de tomar a melhor decisão para a sociedade brasileira, que é a de incentivar práticas mais sustentáveis para a indústria automotiva e garantir um futuro mais sustentável para todos.





brf



Produzir alimentos de qualidade de forma sustentável. Esse é o nosso compromisso.

A BRF e a Marfrig são duas potências do segmento onde atuam e estão transformando a maneira de produzir alimentos, priorizando a sustentabilidade em cada etapa da cadeia de valor, desde o campo até a mesa de milhares de pessoas.



brf-global.com



marfrig.com.br

Em um mundo com ‘déficit de informação climática’, brasileiros estão entre os que mais temem danos às gerações futuras

por ALDO DE LUCA, MediaTalks, Londres

A maioria das pessoas não sabe tanto sobre as alterações climáticas como pensa que sabe, mostrou uma pesquisa do Programa de Comunicações Climáticas da Universidade de Yale realizada em agosto e setembro entre 140 mil usuários do Facebook em 187 países, incluindo o Brasil.

O trabalho revelou o que a organização de jornalismo ambiental Covering Climate Now classificou de "déficit de informação climática".

Como se observa nos mapas, nos quais a cor vermelha assinala os maiores índices e a azul os menores, as pessoas em todo o mundo reconhecem que as mudanças climáticas estão acontecendo e dizem que estão preocupadas com elas.

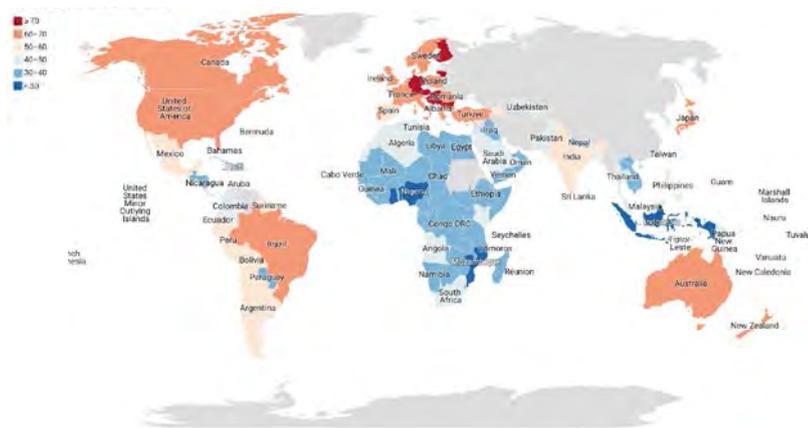
Porém, a maioria não sabe dizer exatamente o que são elas e nem as associam à ação humana, principalmente nos países da África e da Oceania. Os portugueses são os que mais associam a crise do clima à ação do homem.

Cerca de quatro em cada 10 pessoas, principalmente nos países em desenvolvimento, nem sequer conhecem o termo "mudanças climáticas".

Mas os brasileiros e seus vizinhos das Américas do Sul e Central estão entre os que mais percebem o risco que elas representam para as gerações futuras e os que mais esperam que o tema seja tratado como prioridade por seus governos.

Confira as principais conclusões:

Sei o que é



- ▶ Poucos países apresentaram mais de 70% de conhecimento sobre mudanças climáticas. Os campeões foram Finlândia (89%), Hungria (85%), Áustria (77%) e Alemanha (76%)
- ▶ 64% dos brasileiros afirmam que têm algum conhecimento. Na América do Sul, são os que mais dizem conhecer a questão, seguidos por uruguaios (57%) e argentinos (56%)
- ▶ Entrevistados do Benin e do Haiti foram os que mais responderam (36%) nunca ter ouvido falar do tema

Está acontecendo



- ▶ Em quase todos os países, mais de 70% dos entrevistados disseram que as mudanças climáticas estão acontecendo
- ▶ Nove em cada dez brasileiros concordam, um dos índices mais altos da pesquisa
- ▶ O maior percentual, de 94%, foi de El Salvador, seguido de perto por Sri Lanka, Taiwan, Armênia e Nicarágua, todos com 93%
- ▶ Os países mais céticos quanto à ocorrência das mudanças climáticas foram Haiti (64%), Austrália e Holanda (70%) e Laos e Áustria (71%)

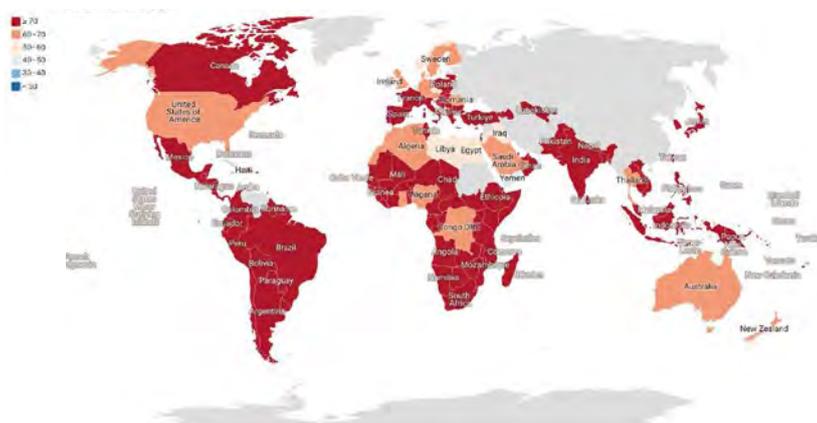


Por causa humana



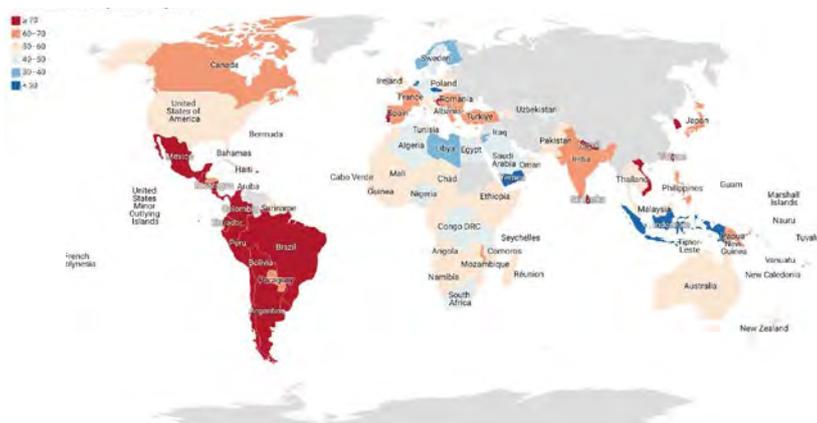
- ▶ Nenhum dos países apresentou um índice maior de 70% de pessoas atribuindo a culpa das mudanças climáticas ao homem
- ▶ Os portugueses (61%) são os que mais culpam a humanidade pelo problema, seguidos por espanhóis (59%) e finlandeses (57%)
- ▶ Os que menos culpam a humanidade são os indonésios (20%) e haitianos (18%)
- ▶ Mais da metade dos brasileiros (52%) acredita que o problema é causado pela ação humana

Estou preocupado



- ▶ A maioria dos países têm mais de 70% das pessoas preocupadas com a crise do clima
- ▶ Os mais preocupados estão na Coreia do Sul e Porto Rico (93%), seguidos por Costa Rica, El Salvador, México e Equador (92%) e Portugal, Panamá, Colômbia e Uruguai (91%)
- ▶ Os menos preocupados estão no Iêmen (47%) e na Holanda (45%)
- ▶ 83% dos brasileiros se mostraram preocupados e só 4% disseram não estar nem um pouco preocupados

Danos às gerações futuras



- ▶ Nas Américas do Sul e Central, mais de 70% dos entrevistados temem esse impacto
- ▶ Os maiores percentuais são de Porto Rico (84%), Costa Rica (83%), Taiwan, México e El Salvador (81%) e Chile (80%)
- ▶ Os entrevistados que menos enxergam esse risco são os do Iêmen (27%)
- ▶ 72% dos brasileiros veem muito risco às gerações futuras, 11% acham esse risco moderado, 3% o consideram pequeno e 1% não vê qualquer risco

Deveria ser prioridade do governo



- ▶ Nas Américas do Sul e Central, mais de 70% acham que o problema deve ser prioridade de governo
- ▶ Os mais convictos disso estão em Porto Rico (92%) e El Salvador (90%)
- ▶ Os que menos acham isso estão na Turquia (45%) e no Iêmen (38%)
- ▶ 81% dos brasileiros acham que as mudanças climáticas deveriam ser uma prioridade do governo

▼
Confira a
íntegra da
pesquisa
aqui.





MARINA AMARAL
Co-fundadora e editora da Agência Pública

A mídia digital colocou o clima, os índios e a Amazônia na pauta

Quando comecei a trabalhar como jornalista, nos ventos da redemocratização, ouvi mais de uma vez em redações: colocar indígenas na capa “não vende”.

As fotos caíam bem nas edições de domingo, mas reportagens sobre indígenas eram esporádicas, desconectadas das manchetes, com acento no exótico e na suposta intrepidez do jornalista que chegou ao “Brasil profundo”, expressão reveladora de como os meios de comunicação se relacionavam com a maior parte do país e suas populações.

Havia casos pontuais, em que se investigava crimes contra lideranças indígenas, quase sempre por iniciativa dos próprios repórteres.

Mas a situação permanente de violência contra indígenas e comunidades tradicionais, aliada ao desmatamento e à invasão de terras por grandes projetos governamentais, empresas ou por fazendeiros de outras partes do país não era retratada.

Menos ainda se cobria a dimensão do colapso ecológico que nos traria à atual situação de emergência climática, impossível de ignorar neste ano, o mais quente da história.

Não custa lembrar: o desmatamento é responsável por metade das emissões de gases de efeito estufa no país. E é nas terras indíge-

nas que o desmatamento é menor, incluindo na comparação com parques e reservas nacionais, apesar das invasões.

A cobertura jornalística da Amazônia, dos conflitos no campo, e do colapso ecológico só passou a ser feita de forma sistemática no país depois do surgimento da mídia digital. Não é coincidência que as organizações pioneiras nesse campo, como a Repórter Brasil e a Agência Pública, fundada em 2011, estejam também entre as primeiras a investigar esses temas.

No nosso caso, lançamos o projeto Amazônia Pública em 2012 e continuamos nessa cobertura, que cresceu à medida que as questões se mostram mais relevantes - tivemos duas jornalistas cobrindo a COP em Dubai.

Geradas no momento em que a Internet mostrava sua potência na quebra das hierarquias da informação e a troca entre profissionais da imprensa de diversos países se intensificou, as organizações de mídia digital libertaram o jornalismo de preconceitos e orçamentos encurtados pela crise dos anunciantes, buscando novas fontes de recursos para fazer reportagens em campo, demoradas e custosas.

Também aproximou os jornalistas dos anseios reais do público, ou de parte significativa das novas gerações.

Como explicar, por exemplo, que depois de décadas sofrendo violência ignorada pelos jornais, os Guarani-Kaiowá receberiam em peso a solidariedade dos usuários do Facebook, que em janeiro de 2013 se tornaram ‘sobrenome’ de milhares deles?

As pessoas queriam, sim, falar de Amazônia, indígenas, desmatamento, conflitos. E ninguém mais estava preocupado com as capas dos veículos impressos. No novo ecossistema de informações, também os ativistas e as próprias comunidades ganharam voz, com o surgimento de mídias regionais - como o site Amazônia Real, o Observatório do Clima, e tantos outros.

Isso impactou as pautas da mídia tradicional, acostumada a investigar obras públicas apenas do ponto de vista da corrupção e dos impactos econômicos, com fontes do governo e instituições. A mídia digital “empurrou” a pauta dos impactos ambientais das grandes obras na Amazônia, trouxe a voz das comunidades tradicionais na preservação e apontou a relação da violação dos direitos dessas populações com o colapso global.

As populações dos países reunidos em Dubai só têm a ganhar com a democratização da comunicação e a qualificação do debate público. Do calor das notícias da mídia tradicional ao aprofundamento da informação pelos novos meios, o que importa mesmo é que todos “olhem para cima” e conversem.

Talvez então seja possível compartilhar “ideias para adiar o fim do mundo”, como nos ensina Ailton Krenak.



Pesquisa em 18 países da América Latina mostra barreiras para a cobertura ambiental na região

A distância entre vontade e realidade na cobertura dos efeitos das mudanças climáticas na América Latina foi examinada este ano por um estudo financiado pelo Programa Regional de Segurança Energética e Mudanças Climáticas da Fundação Konrad Adenauer, da Alemanha.

O relatório “Desafios e soluções para jornalistas e outros atores na América Latina”, produzido pelas ONGs Instituto Libélula e ConexiónCOP, analisa como três temas ambientais fundamentais (alterações climáticas, biodiversidade e economia circular) estão sendo retratados e o que pensam os jornalistas da região.

Os pesquisadores colheram impressões de 130 profissionais de 18 países por meio de questionários, e fizeram entrevistas em profundidade com jornalistas ambientais.

Embora **68%** dos participantes achem que a cobertura melhorou, há um longo caminho a percorrer para atingir o ponto ideal.



30% x 2%

Na região de ecossistemas ameaçados como a Amazônia e onde diversas economias dependem da exploração de recursos naturais, metade dos especialistas acham que pelo menos **30%** do noticiário deveria abordar os três ângulos das mudanças climáticas definidos como relevantes para a compreensão do público. No entanto, apenas **2%** das notícias o fizeram nos últimos cinco anos.

Vontade, interesse e recursos

Para mais de **6** em cada **10** jornalistas ouvidos (**64%**), o público quer saber mais sobre esses assuntos. Mas apenas **29%** dos profissionais acham que a imprensa está realmente interessada em falar sobre eles.

Poucas equipes dedicadas e falta de recursos para cobrir questões complexas foram apontados como razões para uma cobertura superficial e até tendenciosa das mudanças climáticas, seus efeitos e soluções para mitigá-los.

Jornalistas querem fazer mais.... mas não conseguem

Quase **8** em cada **10** entrevistados acham importante contribuir para dar visibilidade às questões ambientais. Mas apenas **22%** deles acham que estão fazendo o possível para proteger os recursos naturais por meio de seu trabalho.

Então, o que falta?

Para melhorar a cobertura ambiental, **28%** dos profissionais ouvidos no estudo apontam a necessidade de recursos financeiros, enquanto **17%** pedem pessoal qualificado.

Os entrevistados também salientaram a importância do comprometimento dos editores e dirigentes com uma linha editorial que valorize as questões climáticas.

Notícias ‘importadas’

A falta de estrutura dos veículos da América Latina leva a uma prevalência de fontes internacionais em detrimento de portavozes locais. A ONU foi mencionada como referência para **65%** dos entrevistados, enquanto **51%** disseram que o conteúdo que produzem é uma combinação de notícias próprias com informações de agências internacionais.

Na COP27, segundo análise da ONG Climate Tracker, **62%** de 229 notícias pesquisadas vieram de uma agência de notícias europeia, dando uma visão “eurocêntrica” da questão ao público latino-americano.

Conflitos, ciência e soluções

Associar as mudanças climáticas à vida real - catástrofes, migração, pobreza, política e saúde - é visto por **48%** dos entrevistados como importante para melhorar a cobertura dos três temas.

O jornalismo de soluções, contando histórias positivas sobre o clima, já vem sendo empregado por **53%** deles. Outros **32%** ainda não conseguiram colocá-lo em prática.

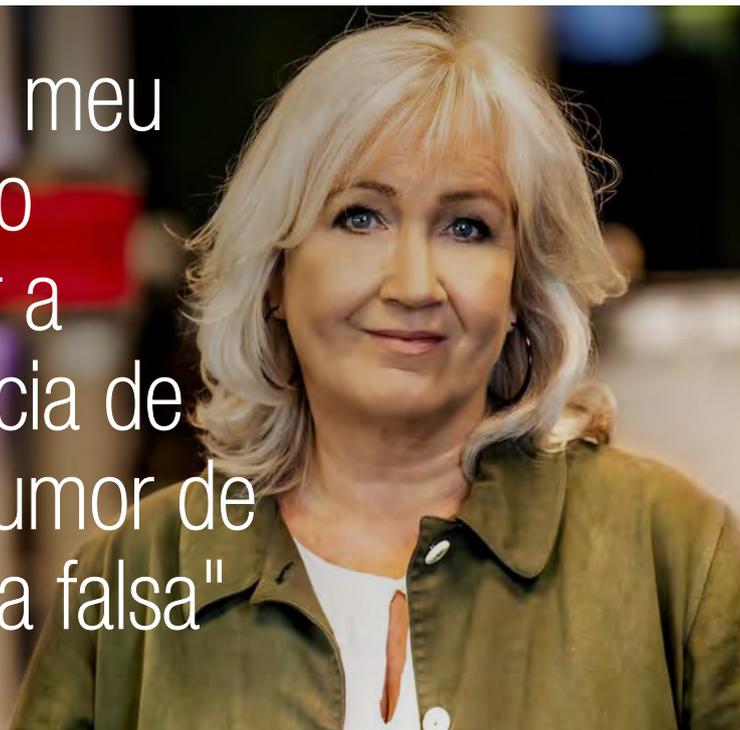
Outra preocupação levantada é que a ciência nem sempre faz parte da história na região. Angela Posada Swafford, jornalista e escritora colombiana-americana, observa no relatório que o jornalismo ambiental deveria ser essencialmente científico, “mas ainda precisamos entender muito de ciência básica na América Latina”.

[O relatório completo pode ser visto aqui.](#)



"Não é meu trabalho manter a audiência de bom humor de maneira falsa"

por CLAUDIA WALLIN



Erika Bjerström é uma das vozes mais respeitadas do jornalismo ambiental na Suécia. Com mais de trinta anos de carreira, trabalha desde 2019 como correspondente global de meio ambiente da SVT, a TV pública do país.

"Não é meu trabalho manter a audiência de bom humor", diz, ao rebater as críticas que classificam como "alarmista" a cobertura da mídia sobre a crise climática.

"A situação é inacreditavelmente grave. Estamos diante de um desastre, do maior desafio que a humanidade já enfrentou, e é preciso fazer reportagens que mostrem isto", destaca Erika, que defende a importância do jornalismo de soluções para a causa do clima.

Engajamento

"Não acho que seja atribuição da mídia manter a sociedade engajada. Isto é uma tarefa para os políticos, cabendo a nós informar sobre o que eles fazem.

Minha missão é apresentar projetos viáveis de larga escala e mostrar que a transição verde é possível e financeiramente viável.

É nisso que invisto meu tempo, com reportagens que dão esperança e que mostram

soluções para a crise climática, mas também expondo a gravidade da situação.

Estive recentemente no Paquistão, onde um terço do país ficou submerso durante as piores inundações da sua história, e posso dizer que estas pessoas são vítimas reais. Pessoas estão morrendo. Serei sempre clara a esse respeito."

Alarmismo

"A situação é grave e não é meu trabalho manter a audiência de bom humor de maneira falsa.

A pergunta mais frequente que me fazem é: 'existe esperança?'

Minha resposta é sim, porque ainda temos uma janela de oportunidade para reverter a situação e evitar o pior dos cenários traçados pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas).

Em seu livro "A Crise Climática da Suécia", Erika Bjerström mostra que, ao contrário da maior parte do mundo, os ricos do país serão atingidos primeiro. Isso porque a elevação do nível do mar afetará inicialmente a península de Falsterbo, onde vivem os milionários.

"Minha impressão é que os suecos não estavam muito conscientes de que o clima está mudando no país, porque a tendência é nos concentrarmos mais nos problemas da Amazônia e nas crises de lugares distantes".

O curioso é que ninguém pergunta a jornalistas que cobrem as guerras na Ucrânia ou em Gaza, por exemplo: "Mas não há nenhuma esperança?" Este tipo de ônus é colocado exclusivamente sobre os jornalistas que cobrem meio ambiente".

Jornalismo de soluções

"Como correspondente na África, decidi dar outra perspectiva à cobertura de fome e conflitos, buscando ângulos diferentes, como o desenvolvimento econômico de vários países.

Buscar perspectivas é importante. Mas é preciso equilíbrio. Na questão climática, não se pode dizer que está tudo perdido, e nem dar a impressão de que as pessoas podem relaxar.

Na Suécia, é dado o mesmo espaço para o jornalismo de soluções e as reportagens que mostram a gravidade do momento."

Prioridade na pauta

"Os suecos têm uma grande consciência ambiental. Mas o Eurobarômetro (instituto da União Europeia que monitora a opinião pública dos países membros) mostra que os portugueses estão muito mais preocupados com a questão, por serem mais afetados por secas e incêndios florestais.

Temos hoje na Suécia um enorme problema com a violência praticada por gangues, e a mais alta taxa de homicídios da Europa. E esta é, compreensivelmente, uma questão prioritária para muitos suecos neste momento".





NÓS SOMOS UMA STARTUP DE QUASE 100 ANOS.

Com quase **um século de história**, é inventando e se reinventando que a **Suzano** cria soluções renováveis que contribuem para a bioeconomia. É assim que, juntos, vamos plantar um futuro melhor.



SUZANO

nós plantamos o futuro

Cultura ganha força na COP28 como instrumento de mobilização

Um dos legados da COP em Dubai foi a valorização da arte como instrumento na luta climática, com a criação do grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura (GFCBCA).

Como sede da COP30, o Brasil lidera a iniciativa, juntamente com os Emirados Árabes Unidos, anfitrião do encontro atual. Ministros da cultura dos países signatários trabalharão em conjunto para desenvolver políticas e programas destinados a aproveitar o potencial da arte na conscientização, mobilização e informação sobre problemas e soluções para o clima.

“Comunidades tradicionais, culturas urbanas e patrimônios da humanidade estão sob risco. Isso pode fazer com que não possamos transmitir às novas gerações nossas práticas socioculturais e o legado de memórias e de expressões, afetando o direito à cultura de comunidades e limitando a diversidade cultural”, disse a ministra Margareth Menezes.

A jornalista brasileira Yula Rocha, que dirige a comunicação da ONG People’s Palace Projects (PPP), baseada na Universidade de Queen Mary, em Londres, esteve em Dubai para acompanhar uma apresentação que exemplifica o casamento entre arte e clima.

Thiago Jesus, gerente de projetos climáticos da PPP, e Piratá Waurá, cineasta e fotógrafo indígena do Alto Xingu, contaram no Resilience Hub da conferência a história de uma iniciativa da ONG: o apoio para a recriação de uma gruta cujas inscrições sagradas foram destruídas por fazendeiros.

Uma réplica em tamanho real foi criada em Madri pela Fundação Factum e será entregue pela PPP ao povo Wauja do Xingu em 2024, em um projeto que inclui a construção de um grande centro cultural para abrir a gruta.

Transformando atitudes, narrativas e práticas

Thiago Jesus diz que a cultura transforma atitudes, narrativas e práticas, e defende “uma ação orquestrada, guiada pelo respeito à ciência”.

Desafio cultural

“A crise climática é também um desafio cultural, exigindo transformação profunda na maneira como nos relacionamos entre nós e com o planeta.

A arte é uma ferramenta poderosa para desafiar o status quo, e a cultura nos ajuda a dar valor às coisas. Mas seu papel tem sido negligenciado nas políticas climáticas. A primeira vez em que foi mencionada, através da inclusão do termo 'patrimônio cultural' nas declarações oficiais sobre 'perdas e danos' e 'adaptação', foi na COP27.”

Protegendo comunidades

“As respostas às mudanças climáticas têm subestimado o grande valor da integridade cultural.

Trata-se do poder que têm os valores, as crenças e as tradições culturais de proteger comunidades e lugares, de se adaptar, e de mobilizar soluções.

Temos muitos exemplos no Brasil de soluções climáticas baseadas na cultura, que oferecem caminhos para um futuro mais justo e de baixo carbono. Mas precisamos reconhecer o poder da cultura e da arte e criar mecanismos, financiamentos, e políticas públicas culturais climáticas.”

Virando o jogo

“Essa COP28 foi significativa para a cultura, com maior presença de vozes do setor. Artes, Cultura e Patrimônio foram temas de apresentações em eventos oficiais, e vimos a inauguração dos pavilhões Entretenimento + Cultura e Storytelling for Action.”

O poder do Brasil

“O Brasil é um país culturalmente rico, com expressões artísticas diversas. E os impactos climáticos e ambientais aqui são vividos e interpretados de maneira desigual por diferentes comunidades, lugares e gerações. Por meio dessa multiplicidade podemos contribuir para conversas globais.

As práticas culturais são fundamentalmente adaptativas; são respostas que damos à constante mudança ao nosso redor. Elas são um processo contínuo de sentir, ajustar e re-imaginar a nossa relação com o ambiente que nos cerca.”



Piratá Waurá e Thiago Jesus na COP28, em Dubai.





YULA ROCHA

Gerente de comunicação da People's Palace Projects / Queen Mary University

A arte de mobilizar as pessoas para a causa do clima

Há décadas os cientistas alertam sobre os riscos das mudanças climáticas. Mas a ciência ainda não conseguiu convencer a todos sobre a necessidade de agir.

Aí entra a arte. Teatro, música, cinema, artes plásticas, moda, novela, literatura, poesia ou rap são veículos importantes para endereçar a crise ambiental e despertar a emoção de quem consome cultura.

E não estamos falando de arte panfletária. O ativismo ambiental pode ser subliminar, em uma exposição, uma poesia, um personagem de ficção, levando a pensar, agir e a cobrar ações.

Dar o protagonismo para quem está na linha de frente, como os povos indígenas e as comunidades vulneráveis do sul Global, é também parte do compromisso de cons-

cientização sobre as injustiças climáticas, pois nem todos são afetados pela crise igualmente.

Acredito que a imprensa ainda não dedica o espaço necessário para uma cobertura da importância que o tema merece. Precisamos falar sobre o assunto não apenas uma vez por ano durante cada COP, mas todos os dias.

E creio também que a mudança de uma narrativa apocalíptica para um tom mais otimista (“ainda há tempo para salvar o planeta”) seja o caminho para gerar mais engajamento, especialmente das mulheres e dos mais jovens, principais afetados pela ansiedade climática.

Minha esperança é que o jornalismo e as empresas absorvam o conceito de que o se-

tor cultural é um importante aliado nessa caminhada. Os cientistas precisam do poder da arte e das manifestações culturais para gerar mudanças coletivas e individuais, influenciar políticas públicas e pressionar para que governos e empresas se comprometam com a redução de emissão de poluentes.

Mas como abraçar essa ideia? A imprensa tem papel fundamental na formação da opinião pública, cobrindo e divulgando expressões artísticas climáticas.

Já as empresas que têm recursos devem apostar no financiamento de manifestações artísticas ligadas à causa, possibilitando a realização de exposições, festivais de cinema, produção de filmes, realidade virtual, livros, workshops e atividades com o público que deem visibilidade à questão da emergência climática.

Esse compromisso deve ir além de instalar painéis solares em museus. É vital o apoio que viabilize o uso da arte como ferramenta de transformação das mentes.

Ciência da atribuição demonstra conexão de eventos extremos às mudanças climáticas

Eventos meteorológicos extremos nem sempre são associados às mudanças climáticas pela imprensa, que acaba se concentrando nos efeitos e não nas causas.

Mas conectar causa e efeito não é tão simples quando uma grande catástrofe acontece e há necessidade de informar o público rapidamente.

Em 2015, os pesquisadores Friederike Otto e Geert Jan van Oldenborgh (falecido em 2021) se uniram para criar o projeto World Weather Attribution (WWA), sediado no Imperial College, onde Otto leciona em Londres, com o objetivo de fomentar a chamada ciência da atribuição.

A WWA já realizou mais de 50 estudos de atribuição de eventos, entre eles ondas de calor, chuvas extremas, secas, inundações e incêndios florestais.

As análises são feitas durante ou logo após os eventos, buscando responder à pergunta capital: 'qual foi o papel das alterações climáticas para que isso acontecesse?'

Entre as iniciativas do projeto para promover a atribuição está um guia para jornalistas, publicado em 12 idiomas. A edição brasileira tem o prefácio de Giovana Girardi, que chefia a cobertura de clima na Agência Pública e esteve em Dubai cobrindo a COP28.

O documento explica a ciência da atribuição e apresenta argumentações confiáveis sobre as situações climáticas mais comuns.

A jornalista salienta a importância das análises recentes da WWA sobre as queimadas no Canadá e a onda de calor na Europa, que ajudaram a imprensa a explicar como estavam relacionadas às alterações no clima.



No entanto, ela observa que em alguns casos o cenário pode ser mais complexo.

"Embora os efeitos de chuvas intensas e rápidas estejam ligados a um planeta mais quente, podem também ser resultado de má gestão de infraestrutura urbana, pavimentação sem permeabilidade, ausência de árvores e ocupação de mananciais."

Girardi chama a atenção para o risco de governantes usarem o clima como desculpa para justificar que não havia nada a ser feito para prevenir ou minimizar as catástrofes.

"É justamente porque o clima não é mais o mesmo que o planejamento das cidades, estados e países tem que mudar para levar em conta as novas variáveis trazidas pelas mudanças climáticas", afirma a jornalista.

[O guia completo pode ser visto aqui.](#)



Jornalismo de soluções: o valor de mostrar 'a metade cheia do copo'

Há quem ache que o tratamento das mudanças climáticas pela mídia alarma mais do que engaja. Outros defendem que não se pode ignorar a gravidade da situação. O caminho do meio pode ser o jornalismo de soluções, que consiste em uma abordagem dos assuntos complexos - incluindo o clima - a partir de uma perspectiva que não paralise ações individuais ou coletivas sob o argumento de que não há nada a fazer e o planeta está condenado.

A ideia não é nova, e tem sido impulsionada pela Solutions Journalism Network (SJN), organização que completou 10 anos junto com a conferência do clima da ONU. Os co-fundadores são os jornalistas americanos David Bornstein e Tina Rosenberg, ex-New York Times, e Courtney Martin, autora de livros e consultora de instituições como a Fundação Obama.

A SJN quer promover uma mudança na forma como as pessoas compreendem e moldam o mundo usando como instrumento reportagens sobre as respostas aos problemas e o que se aprendeu com sucessos e fracassos.

O conceito é baseado no entendimento de que quando as notícias revelam o que funciona (ou é promissor), ajudam a elevar o tom do discurso público, tornando-o menos divisivo e mais construtivo, permitindo que as comunidades vejam melhores opções e trabalhem por mudanças.

A rede tem 47 mil jornalistas treinados, um banco de dados com uma seleção de matérias publicadas em todo o mundo, 100 escolas de jornalismo parceiras e fellows



e instrutores certificados em 40 países, incluindo o Brasil.

Pode parecer idealismo, mas está funcionando. O banco de dados da iniciativa registra mais de 15,7 mil matérias produzidas por 8,9 mil jornalistas e a adesão de 2 mil veículos de 90 países.

Livro ensina especialistas a comunicarem melhor fatos sobre clima e ciência

Nas semanas anteriores à COP28, e ao longo da conferência, os cientistas ganharam ainda mais visibilidade na mídia - e devem continuar assim, já que a pauta do clima tende a se tornar mais presente à medida que o problema se agrava.

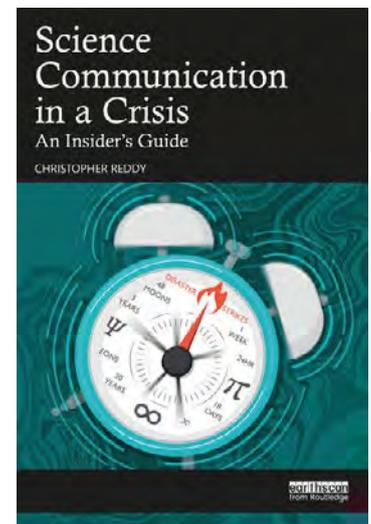
Mas nem todos se sentem preparados ou confortáveis. Ajudá-los a se comunicar melhor é o objetivo do livro lançado este ano por Christopher Reddy, um reconhecido especialista em oceanos.

Cientista do Departamento de Química Marinha e Geoquímica da Woods Hole Oceanographic Institution, organização não-governamental norte-americana de pesquisa e ensino sobre os mares, Reddy é fonte regular da imprensa para questões ambientais, incluindo graves acidentes, como derramamentos de petróleo.

O livro de Reddy não segue a linha dos media trainings ministrados por jornalistas, e prefere dar uma visão de quem está "do outro lado". Com base em 30 anos de experiência atendendo a imprensa, Reddy reflete sobre dez casos, avalia os erros cometidos e compartilha as lições aprendidas.

Em uma entrevista para o site de ciência Undark, o autor enfatiza a dificuldade histórica da interação entre pesquisadores e imprensa: "a maneira como os especialistas falam uns com os outros não é a melhor maneira de falar com a mídia".

Reddy apresenta os jornalistas como "seres semelhantes aos cientistas", que da mesma forma gostam de descobrir, investigar e divulgar de forma inteligente suas descobertas, com o mesmo intuito de fazer avançar o conhecimento do público.



No livro, o autor faz uma série de recomendações úteis. Uma delas é nunca se limitar a informar não saber responder a alguma pergunta.

Nesses casos, ele recomenda ser franco, mas aproveitar para destacar o que já se sabe sobre o tema perguntado, a fim de não abrir brechas para a desinformação.



Que tal terminar
o ano com
muita inspiração?



Conversas que Inspiram

Podcast

Em 2023, a Anglo American lançou o podcast Conversas que Inspiram, que aborda temas importantes para a nossa sociedade. Confira algumas conversas desta primeira temporada:

Saiba como a mineração e a sustentabilidade dialogam	EP 1
Vá ao museu	EP 2
Tecnologia e inovação aliadas à sustentabilidade	EP 6
Como os incêndios florestais contribuem para o aquecimento global	EP 8
Sustentabilidade e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU	EP 11
O papel da mineração para o Desenvolvimento Regional e o Empreendedorismo	EP 13

Ouçá, compartilhe, comente e participe. O Conversas que Inspiram é um podcast feito para você, que gosta de saber sobre a mineração e histórias que nos motivam a fazer um mundo melhor.



Acesse o
QRCode
e dê play



No setor mineral, a inovação em benefício da sustentabilidade

por **CRISTIANO COBO**,
Diretor Técnico e Sustentabilidade
da Anglo American no Brasil



O entendimento de que as políticas sustentáveis devem estar presentes nas decisões estratégicas das empresas aumenta a cada ano. Diante desse cenário, a inovação ganha força como protagonista da transformação do setor.

Assim, a percepção de que a mineração é uma atividade arcaica tem dado lugar à visão de uma indústria atenta a novas tecnologias, que busca processos produtivos mais eficazes e seguros, melhores relações com as comunidades e mais responsabilidade com a preservação ambiental.

Rumo a um novo paradigma, parcerias com órgãos públicos, entidades empresariais, instituições universitárias, além de ONGs, startups e sociedade civil estão em desen-

volvimento, e vários são os casos do setor que podem ser citados.

Na Anglo American, foi desenvolvido o Plano de Mineração Sustentável, que, baseado nas práticas em ESG, guia as ações da companhia local e globalmente. Um exemplo é a meta de redução da emissão de gases do efeito estufa nas operações (com previsão de neutralidade em carbono até 2040), o que possibilitou a assinatura de contratos de compra e de autoprodução de eletricidade, em vista de uma matriz de energia elétrica 100% renovável no Brasil, marco alcançado recentemente.

Também avançamos em um projeto de reuso de água do nosso mineroduto do Minas-Rio, que deverá ser uma das maiores iniciativas de reaproveitamento de água do Brasil, com um volume que

poderá chegar a 0,3 metros cúbicos por segundo (m³/s) de água reutilizada.

Em relação ao reaproveitamento de resíduos, desenvolvemos um projeto de uso de escória de ferro-níquel em obras de ampliação das rodovias de Goiás. A iniciativa visa dar aplicação à escória, diminuindo a área necessária para estocagem dos resíduos gerados nas plantas industriais da mineradora no estado.

Essa efervescência tecnológica, além de trazer ganhos operacionais e econômicos, contribui para toda uma cadeia de stakeholders. Isso porque um empreendimento sustentável, além de favorecer uma menor utilização de recursos naturais não renováveis, traz mais segurança operacional, maior vida útil para as plantas operacionais, melhor recuperação de áreas operadas e mais qualidade de vida para as comunidades.

O futuro exige um novo modo de pensar

por **FÁBIO MAGRIN**,
Diretor executivo das unidades de negócio
Accelera e HHP para a América Latina



As mudanças climáticas são uma crise existencial. Nosso mundo seguirá precisando cada vez mais de energia. Tornamos nossa a responsabilidade de encontrar soluções para esse desafio.

Alcançar o objetivo de atingir emissões líquidas zero até 2050 exige o aproveitamento de todo o nosso portfólio de negócios. Por isso, o lançamento da Accelera by Cummins é um passo significativo nos esforços da empresa para atingir a estratégia do Destino ao zero.

O Destination zero é a estrada que pavimentamos para um futuro mais verde. Essa estratégia está enraizada no entendimento de que múltiplas soluções são necessárias para alcançar a descarbonização em todo o setor nas diversas aplicações que a empresa utiliza.

Nos últimos anos, a Cummins investiu mais de US\$ 1,9 bilhão em pesquisa e tecnologia, capital e aquisições para construir a liderança e as capacidades tecnológicas da Accelera.

Conforme avançamos rumo a um futuro de zero carbono, esperar não é uma opção. No entanto, nem o mundo consegue se transformar da noite para o dia. É por isso que estamos avançando e integrando a mais ampla gama de tecnologias de energia — porque cada uma delas nos aproxima do futuro.

À medida que continuamos a liderar e a avançar nas soluções baseadas em motores que impulsionam os negócios dos nossos clientes, também construímos a mais ampla combinação de tecnologias de emissões zero dedicadas à indústria de veículos comerciais, como soluções de trem de força elétrico a bateria e de célula de combustível e eletrolisadores para a produção de hidrogênio de baixo carbono.

A Accelera reforça nosso compromisso de liderança em soluções de emissões zero e destaca nossa capacidade incomparável de aproveitar nosso profundo conhecimento das necessidades e aplicações de nossos clientes, conhecimento técnico e ampla rede de serviços e suporte para caminhar de mãos dadas com eles durante toda a transição energética.

O objetivo da Accelera é simples: garantir um futuro sustentável para as indústrias que mantêm o mundo funcionando. O lançamento desta nova marca aumenta o foco em nossos negócios e nos permite estar à frente do cenário de emissões zero em constante mudança.



Somos movidos pela urgência da mudança climática

Um mundo mais sustentável é aquele com emissões mais baixas. Ao reduzir os gases do efeito estufa (GEEs), como dióxido de carbono (CO₂) e metano (CH₄), que contribuem para a mudança climática; e óxidos de nitrogênio (NO_x), que contribuem para a esgotamento do ozônio; e material particulado (PM), que afeta a qualidade do ar, podemos melhorar a resiliência de nossas vidas.

Descarbonizar com energia renovável e adotar tecnologias mais limpas pode causar um impacto positivo imediato. Um caminho para emissões zero foi possibilitado pela inovação nas áreas de motores de combustão interna (ICEs) avançados, híbridos de bateria ICE, sistemas de célula de combustível e sistemas bateria-elétricos.

Motores de combustão interna avançados

Os sistemas ICE avançados são uma solução de baixo custo de capital e manutenção para aplicações de alto fator de carga e alta utilização. Os sistemas de ICE avançados podem ser alimentados por combustíveis de baixo a zero carbono, como hidrogênio (H₂). Um transportador de energia cada vez mais popular, o hidrogênio pode ser prontamente produzido a partir da água (H₂O) por meio de eletrólise usando eletricidade, e queima sem liberar quaisquer emissões de dióxido de carbono. Motores ICE avançados, quando combinados com combustíveis de baixo ou zero carbono, podem reduzir o carbono rapidamente, com benefícios operacionais significativos, pois têm uma tecnologia familiar acompanhada de infraestruturas de serviço e manuseio robustas e cadeias de suprimentos.

Os sistemas ICE têm sido a base na geração de energia por mais de 100 anos e o sistema de energia preferido para a maioria das aplicações, como mineração, marinha e ferroviária. Avanços fizeram com que essa fosse uma das soluções mais econômicas disponíveis por meio de tecnologia de combustão mais eficiente e projeto arquitetônico aprimorado, levando à redução significativa de emissões e densidade de energia.

Híbridos motor-bateria de combustão interna

Os sistemas híbridos de bateria ICE normalmente queimam menos combustível do que os sistemas convencionais. Os híbridos operam como sistemas que podem aproveitar a energia armazenada em uma bateria para complementar a energia produzida pelo motor de combustão interna. Nor-

malmente, ele queima menos combustível do que um sistema convencional e tem o avanço de um sistema ICE, que, em combinação com uma bateria, o torna uma solução chave de baixo carbono. Os sistemas híbridos de bateria ICE também estão prontamente disponíveis devido ao amadurecimento da tecnologia.

Uma solução que reduz o consumo de combustíveis fósseis e reduz as emissões, os sistemas de bateria ICE são uma fonte confiável de energia limpa e ininterrupta.

Sistemas de células de combustível

As tecnologias de célula de combustível alimentam tudo, de aplicações de mobilidade a geradores reserva, oferecendo confiabilidade, alta eficiência de combustível, operação silenciosa e manutenção fácil.

Os módulos de energia de célula de combustível da membrana de troca de prótons (PEM) são densos em potência e adequados para aplicações móveis e estacionárias. A tecnologia de célula de combustível PEM pode ser adaptada para atender às necessidades específicas de desempenho e aplicação ambiental. Os sistemas de células de combustível também podem ser combinados com uma bateria para melhorar ainda mais o desempenho e a aplicabilidade tecnológica. Células de combustível de óxido sólido (SOFC) oferecem níveis muito altos de eficiência enquanto produzem calor como subproduto. Eles são particularmente adequados para aplicações estacionárias e são especialmente benéficos para aplicações ou processos que podem utilizar a energia térmica produzida por um sistema SOFC.

Sistemas elétricos de bateria

Os sistemas bateria-elétricos estão movendo pessoas e comunidades para um futuro mais sustentável. Com opções avançadas, incluindo sistemas de energia totalmente elétricos para ferrovia, mineração, marítimo e geração de energia.

Para uma operação mais limpa e silenciosa, esta opção de emissões zero e aquela que também fornece benefícios econômicos, de confiabilidade e ambientais. Em formato fixo, o armazenamento de eletricidade em baterias pode ajudar a rede pública a operar com mais eficiência, reduzir a probabilidade de semiapagões durante o pico de demanda e permitir que mais recursos renováveis sejam construídos e usados, de acordo com a Agência de Proteção Ambiental.

Pesquisa mostra preferência por trabalhar em empresas preocupadas com clima e desigualdade



Paul Polman, consultor

Adotar - e comunicar - boas práticas ambientais traz benefícios para todas as áreas do negócio, até para o recrutamento. E quem não fizer a coisa certa pode perder talentos.

Uma pesquisa realizada este ano com 4 mil funcionários de empresas privadas de médio e grande porte dos EUA e Reino Unido mostrou o aumento de pessoas que colocam seu propósito de vida em primeiro lugar, principalmente as das gerações Y (26 a 41 anos) e Z (18 a 25 anos):

- Dois em cada três entrevistados estão preocupados com o futuro do planeta e da sociedade (69% no Reino Unido, 66% nos EUA)
- Três em cada quatro afirmam que a empresa deve assumir a responsabilidade pelo seu impacto (77% no Reino Unido, 78% nos EUA)
- Mais de dois terços querem trabalhar para empresas que impactam positivamente o mundo (66% no Reino Unido, 76% nos EUA)
- Dois em cada três afirmam que suas empresas não enfrentam como deveriam os desafios ambientais e sociais (68% no Reino Unido, 62% nos EUA)

Para o consultor holandês Paul Polman, ex-CEO da Unilever de 2009 a 2019 que se tornou uma autoridade mundial na pressão por negócios mais responsáveis e encomendou a pesquisa, a nova era representa a passagem da “desistência silenciosa”, na qual os funcionários insatisfeitos fazem o mínimo que se espera deles, para a “desistência consciente”, na qual são capazes de abrir mão do emprego para buscar empresas com propósitos alinhados aos seus:

- Quase metade dos funcionários afirma que consideraria pedir demissão se os valores da empresa não estivessem alinhados com os seus próprios valores (45% no Reino Unido, 51% nos EUA)
- Um terço afirma já ter renunciado a um cargo por esse motivo (35% no Reino Unido e nos EUA). Os números chegam quase à metade (48% no Reino Unido, 44% nos EUA) considerando só as gerações Y e Z
- Quase metade dos entrevistados das Gerações Y e Z consideraria aceitar uma redução salarial para trabalhar para uma empresa que partilha os seus valores (48% no Reino Unido, 44% nos EUA)

Problema ou oportunidade para as empresas?

O consultor acha que a nova era pode ser uma grande oportunidade, e cita três possibilidades que podem ser aproveitadas pelas empresas:

1. **Mostrar maior ambição no impacto que podem causar às pessoas e ao planeta:** Quase dois em cada três entrevistados afirmam que a sua empresa deveria assumir posição mais forte em relação ao meio ambiente (63% no Reino Unido, 61% nos EUA) e na desigualdade econômica (61% no Reino Unido, 65% nos EUA).
2. **Comunicar melhor suas ações aos funcionários:** Cerca de dois terços afirmam que a sua empresa se comunicou com eles sobre o bem-estar dos funcionários (60% no Reino Unido, 66% nos EUA), mas o número cai drasticamente quando se trata de meio ambiente (35% no Reino Unido, 34% nos EUA), desigualdade econômica (29% no Reino Unido, 28% nos EUA) e desigualdade social (36% no Reino Unido, 41% nos EUA).
3. **Capacitar os funcionários a maximizar o impacto da empresa:** Mais da metade gostaria de ajudar sua empresa a mudar para melhor (53% no Reino Unido, 60% nos EUA). Esses números aumentam considerando só as gerações Y e Z (64% no Reino Unido, 66% nos EUA).

É possível lucrar dando mais do que se recebe?

Polman está convicto que sim. Co-autor do livro “Net Positive: como empresas corajosas prosperam dando mais do que recebendo”, ele tem encorajado, por meio de sua consultoria Imagine, líderes empresariais a atuar tanto na erradicação da pobreza e da desigualdade como na contenção dos efeitos das mudanças climáticas.

“Acima de tudo, é uma questão de liderança”, diz ele. “As empresas que colocarem o propósito no seu núcleo, desbloquearão motivação, inovação e lealdade em todo o negócio. E de forma mais profunda entre os funcionários mais jovens, os decisivos para o seu futuro”.

[Confira a íntegra da pesquisa aqui.](#)





Relatórios de sustentabilidade, um sonho distante para a maioria das PMEs no mundo

Enquanto as grandes corporações capricham na divulgação de resultados ambientais a investidores e sociedade, um estudo global que ouviu mais de 16 mil pequenas e médias empresas (PMEs) em 16 países, incluindo o Brasil, revelou que embora 83% reconheçam a importância da sustentabilidade nos negócios, apenas 8% produzem relatórios para comunicar suas ações.

Denominado **Caminho para o Crescimento: Preenchendo a Lacuna de Relatórios de Sustentabilidade das PME**, o estudo foi feito no Reino Unido pela empresa de serviços contábeis Sage, com participação das consultorias PwC e Strand Partners.

São classificadas como PMEs as empresas com menos de 250 funcionários. Elas representam 99% das empresas do mundo.

Além de perder a oportunidade de colaborar para um mundo mais sustentável, as PMEs também deixam de aproveitar os benefícios dessa prática, como financiamentos baseados no impacto sobre o meio ambiente, contratação de funcionários que priorizam empresas comprometidas com o clima e conquista de clientes que valorizam marcas com boa performance ambiental.

O motivo para a disparidade entre grandes e pequenas empresas não é difícil de imaginar: 73% citaram o custo. A complexidade foi mencionada por 65% das empresas, e 63% disseram achar que ferramentas tecnológicas poderiam ajudar.

A pesquisa sugere que a remoção dessas barreiras abriria novos caminhos financeiros, crescimento e oportunidades de emprego para as PMEs.

E também representa uma área de negócio para empresas de comunicação habilitadas a ajudar empresas a formatarem seus relatórios.

O estudo estima que seria possível triplicar nos próximos dois anos o número de relatórios produzidos por elas, representando uma adição de 51 milhões de documentos ao pool global, sinalizando uma séria mudança na resposta da sociedade às mudanças climáticas.

Uma em cada cinco (21%) das PMEs que não medem seu impacto disse estar "pronta e disposta" a fazer isso, seja em virtude das oportunidades que vêm perdendo ou pela pressão que vêm sofrendo de clientes (59%), governo (8%) e funcionários (8%).

Soluções

Os autores do relatório recomendam algumas medidas para mudar o cenário:

- ▶ **Incentivos financeiros governamentais para minimizar os custos iniciais dos investimentos das PMEs em seus relatórios de sustentabilidade**
- ▶ **Maior consistência na terminologia ESG para que as PMEs possam responder aos relatórios com mais facilidade**
- ▶ **Promoção do uso de tecnologias digitais acessíveis e automatizadas para relatórios de sustentabilidade, a fim de aliviar a carga sobre as PMEs**

O Secretário-Geral da ICC, John Denton, que representa 45 milhões de empresas de 130 países, enfatiza que com ferramentas eficazes, políticas e incentivos certos e um esforço colaborativo, será possível permitir que as PMEs superem os obstáculos para monitorar o que precisam fazer para melhorar seu desempenho na área e liderar o caminho na criação de um futuro mais sustentável.

[O relatório completo pode ser visto aqui.](#)

A conversa continua em MediaTalks

A crise da mudança climática é um dos temas acompanhados pelo MediaTalks, integrante da coalizão **Covering Climate Now**. Confira aqui os conteúdos publicados durante a COP28 e também guias, pesquisas e ensaios fotográficos.



“Se forem falar da Amazônia, nos ouçam. Temos coisas incríveis para contar”. A frase de Angela Mendes, filha do ambientalista Chico Mendes, assassinado no Acre em 1988, recepciona os visitantes da Amazônia Fox, plataforma criada por jornalistas para conectar fontes e profissionais locais com o Brasil e o mundo.

► [Leia aqui](#)



Uma pesquisa feita pela BBC no Google Trends revelou que as buscas sobre termos relacionados à ansiedade climática dispararam em cinco anos. O maior salto aconteceu no idioma português, com 73 vezes mais buscas. O salto em inglês foi de 27 vezes.

► [Leia aqui](#)

APOIO INSTITUCIONAL



ABR AJI



ANJ Projor

PARCERIAS EDITORIAIS



PARCEIRO DE CONTEÚDO



PARCEIRO DE CONTEÚDO



São Paulo
Rua Diana 914
05019-000 – Brasil

Londres
2-8 Eton Avenue 30
NW33EJ – Reino Unido

JORNALISTAS&CIA EDITORA
PUBLISHER **Eduardo Ribeiro**
eduribeiro@jornalistasecia.com

MEDIA TALKS
DIREÇÃO EDITORIAL **Luciana Gurgel**
lucianagurgel@mediatalks.com.br

► COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Aldo De Luca (Reino Unido), Claudia Wallin (Suécia), Eloá Orazem (EUA), Fernanda Massarotto (Itália) e Márcia Carmo (Argentina).

► COMERCIAL SILVIO RIBEIRO ► PROJETO GRÁFICO: Kako Frare

PARCEIRO DE DISTRIBUIÇÃO



Direitos autorais reservados – os artigos não podem ser reproduzidos sem autorização prévia.

A partir de Londres, MediaTalks acompanha acontecimentos e tendências no mundo do jornalismo, da comunicação e das plataformas digitais.

👉 Inscreva-se gratuitamente aqui para receber alertas sobre novos conteúdos, newsletters e edições especiais.

**Acompanhe
MediaTalks nas
redes sociais**

twitter

facebook

linkedin

instagram



O fotógrafo indígena Piratá Waurá apresentou na COP28 flagrantes da vida em sua aldeia e o projeto de reconstrução de uma gruta sagrada danificada por fazendeiros no Alto Xingu. Confira as imagens.

► [Leia aqui](#)

A Covering Climate Now lançou um guia para desconstruir 10 mitos sobre mudanças climáticas, com fatos comprovando a culpa humana pelo aquecimento global ou a necessidade de eliminar os combustíveis fósseis.

► [Leia aqui](#)

